

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**LUANA BALIEIRO MARQUES RODRIGUES**

**FEMINICÍDIO E IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO  
JORNAL IMPRESSO O GLOBO ACERCA DOS CRIMES DE  
FEMINICÍDIO**

**VOLTA REDONDA**

**2019**

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**FEMINICÍDIO E IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO  
JORNAL IMPRESSO O GLOBO ACERCA DOS CRIMES DE  
FEMINICÍDIO**

Monografia apresentada ao Curso de  
Jornalismo do UniFOA como requisito à  
obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aluno:

Luana Balieiro Marques Rodrigues

Orientador:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Aline Andrade Pereira

**VOLTA REDONDA**

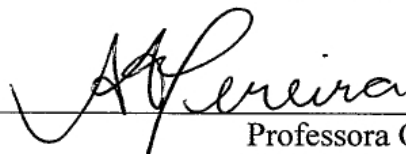
**2019**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

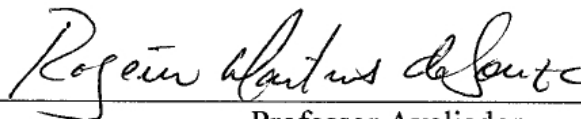
Trabalho de Conclusão de Curso intitulado FEMINICÍDIO E IMPRENSA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL IMPRESSO O GLOBO ACERCA DOS CRIMES DE FEMINICÍDIO elaborado por Luana Balieiro Marques Rodrigues apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 01 de novembro de 2019.

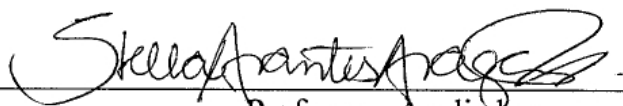
Banca Avaliadora:



Professora Orientadora  
Aline Andrade Pereira, Doutora – UniFOA



Professor Avaliador  
Rogério Martins de Souza, Doutor - UniFOA



Professora Avaliadora  
Stella Arantes Aragão, Mestre - UniFOA

Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso: o que é que eu faço para tornar esta montanha mais alta, para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além. -Legado

Rupi Kaur

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Aline Andrade Pereira que enxergou potencial, dedicou seu tempo e paciência, colaborando para tornar este trabalho uma realidade. À minha mãe que desempenhou um papel fundamental na minha educação, criação, formação pessoal e de ensino básico, onde hoje, mesmo de longe se faz presente, sendo amiga e porto seguro. Ao meu pai, que nunca deixou que nada me faltasse, em quem me espelho profissionalmente e encontro tantas semelhanças e influências em minha personalidade. Minha irmã, com quem aprendo e ensino, em medida similar. Ao meu namorado, onde encontro uma família, um amigo e um parceiro em um só lugar, que participou tão de pertinho dessa etapa da minha vida, que tanto me apoia, me mimar e me cuida, com todo seu amor. Aos familiares e tantos amigos, que me acompanharam, que foram válvula de escape, me incentivaram e sempre tinham uma palavra de afago nos momentos de tensão. Enfim, a todos que celebram a minha felicidade, obrigada, sem vocês nada disso seria possível!

## RESUMO

Esta monografia se propõe a efetuar uma análise das notícias sobre feminicídio divulgadas na versão impressa do jornal O Globo nos últimos seis anos segundo o método da Análise Pragmática da Narrativa de Motta (2013). A problemática que se coloca é: de que maneira os crimes foram retratados? Qual a história contada? Como vítima e agressor são descritos? A hipótese inicialmente proposta é que a narrativa jornalística reforça estereótipos machistas que perpetuam a violência contra a mulher. Ao compreender o jornalismo como narrativa, capaz de promover a produção de conhecimento (GENRO FILHO, 1987), este trabalho desenvolve uma análise a partir de seis movimentos metodológicos propostos por Motta (2013). Os resultados apontam para os significados propostos pela narrativa do jornal O Globo sobre o tema feminicídio, como a vítima e o agressor são retratados pelo narrador e qual o papel do Jornalismo na busca pela produção de conhecimento e por mudanças de padrões estabelecidos na sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo; Patriarcado; Feminicídio; Narrativa; O Globo.

## **ABSTRACT**

This monograph intends to analyze the news about femicide published in the print version of the newspaper O Globo in the last six years according to the method of Pragmatic Analysis of Motta's Narrative (2013). The problem is: how were the crimes portrayed? What is the story told? How are victim and perpetrator described? The hypothesis initially proposed is that the journalistic narrative reinforces macho stereotypes that perpetuate violence against women. Understanding journalism as a narrative capable of promoting knowledge production (GENRO FILHO, 1987), this paper develops an analysis based on six methodological movements proposed by Motta (2013). The results point to the meanings proposed by the narrative of the newspaper O Globo about the theme of feminicide, how the victim and the aggressor are portrayed by the narrator and what is the role of journalism in the search for knowledge production and changes in established patterns in society.

Keywords: Journalism; Patriarchy; Femicide; Narrative; O Globo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO CENÁRIO BRASILEIRO.....</b>	<b>16</b>
2.1 Cultura Patriarcal e suas influências na sociedade.....	16
2.2 A busca por prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher no Brasil.....	21
<b>3. JORNALISMO E SUA NARRATIVA.....</b>	<b>27</b>
3.1 O jornalismo na formação de conhecimento.....	28
3.2 A narrativa na concepção da realidade.....	31
<b>4. ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA DOS CASOS DE FEMINICÍDIO NOTICIADOS NO JORNAL IMPRESSO O GLOBO.....</b>	<b>34</b>
4.1 Metodologia.....	34
4.1.1 Metodologia de análise qualitativa de dados.....	35
4.1.2 Metodologia de análise documental de dados.....	37
4.2 Análise da cobertura jornalística.....	39
4.2.1 Impressões sobre a análise.....	50
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>53</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>55</b>
<b>7. ANEXOS.....</b>	<b>59</b>

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Disparidades entre homens e mulheres.....	18
Figura 2 – Números do feminicídio no Brasil.....	23
Figura 3 – Feminicídios ocorridos em São Paulo entre 2018 e 2019.....	25

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Incidência do termo feminicídio ao longo dos anos no acervo digital do jornal O Globo.....	35
Tabela 2 – Resultados para a frase “homem mata mulher” exibidos no acervo digital do jornal O Globo.....	36
Tabela 3 – Tabela apresentando resultados para a frase “marido mata mulher” exibidos no acervo digital do jornal O Globo.....	36
Tabela 4 – Tabela desenvolvida com a função de legenda, base para compreensão da próxima tabela.....	40
Tabela 5 – Dados coletados a partir das orientações desenvolvidas por Motta (2013).....	41
Tabela 6 – Resultados do termo feminicídio no Google.....	42

## LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Termos usados pelo narrador para caracterizar o crime nas notícias selecionadas.....	43
Gráfico 2 – Agressores em potencial.....	44
Gráfico 3 – Motivos que o narrador apresenta para o crime.....	45
Gráfico 4 – Abordagem do crime pelo narrador.....	46
Gráfico 5 – Análise das imagens.....	47
Gráfico 6- Imagem das vítimas.....	48
Gráfico 7 – Análise de cenário.....	49
Gráfico 8 – Notícias com desdobramentos.....	50

## **LISTA DE SIGLAS**

CPMI-VCM - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher

CSW- Comissão sobre a Situação da Mulher

G1- Portal de notícias

IVC - Instituto Verificador de Comunicação

OIT- Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial da Saúde

UNODC - Escritório das Nações Unidas para Crime e Drogas

## LISTAS DE ANEXOS

Anexo 1 – Miss Honduras e irmã são encontradas mortas.....	59
Anexo 2 – Homem mata a mulher e a filha e tenta se suicidar.....	60
Anexo 3 – Estudante é morta a tiros em escola de GO.....	60
Anexo 4 – Femicídio.....	61
Anexo 5 – Maria da Penha.....	61
Anexo 6 – Funkeira sofre tentativa de homicídio depois de festa na Barra.....	61
Anexo 7 – Mulher é morta com duas facadas por ex-marido.....	62
Anexo 8 – Série de feminicídios.....	62
Anexo 9 – Por trás de morte ciúme doentio.....	63
Anexo 10 – Após discussão, estudante de medicina espancou até a morte namorada.....	63
Anexo 11 – Dois feminicídios.....	64
Anexo 12 – Mulher leva cinco tiros dentro de casa, no Catete.....	65
Anexo 13 – Jovem de 19 anos é estrangulada por namorado.....	65
Anexo 14 – Femicídio resolvido em família.....	66
Anexo 15 – Porteiro que esfaqueou mulher já havia agredido a vítima antes.....	66
Anexo 16 – Ex-marido é suspeito de matar mulher grávida.....	67
Anexo 17 – Mulher é morta com tiro de fuzil no rosto por namorado.....	68
Anexo 18 – Engenheiro acusado de matar a ex-namorada na Austrália é preso.....	69
Anexo 19 – Atriz agredida diz que marido já fez mais vítimas.....	69
Anexo 20 – Marido mantém mulher refém por duas horas.....	70
Anexo 21 – Homem leva 37 anos de prisão por feminicídio.....	70
Anexo 22 – Femicídio: homem diz que deu R\$ 150 para amigo ocultar corpo.....	71

Anexo 23 – Homem arrasta namorada presa a carro por 50 metros.....	71
Anexo 24 – Mulher é morta a tiros pelo marido, policial da reserva.....	72
Anexo 25 – Vendedora tira namorado da cadeia e, um ano depois, é morta.....	73
Anexo 26 – Família acusa namorado de jovem de 16 anos de feminicídio.....	73

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de países com a maior taxa de feminicídio do mundo. Em 2019, foram registrados cerca de 5 casos por dia e em 69% destes o principal suspeito do crime é o companheiro ou ex-companheiro da vítima (O Globo, 2019).

Há séculos resguardado pela cultura patriarcal, este crime motivado pelo ódio, desprezo e sentimento de propriedade da figura feminina, hoje possui lei que o tipifique: a Lei 13.104 de 2015. A forma como um assunto é noticiado ao público depende de escolhas feitas pelo jornalista durante o processo de produção de notícias. Porém, assim como qualquer outro ofício, o profissional de comunicação deve exercer sua função sempre fundamentado em normas técnicas e éticas estabelecidas por sua profissão.

A ideia deste trabalho é investigar a forma e os recursos utilizados pela mídia para noticiar crimes de feminicídio. Este tema foi escolhido pela visibilidade que o assunto tem recebido nos veículos de comunicação no último ano e por se tratar de um termo relativamente novo, inserido em nossa sociedade para definir um crime que sempre se fez presente: o assassinato de mulheres por questão de gênero.

Além disso, buscaremos analisar e responder, com exemplos coletados, a seguinte questão: 'Como mulheres vítimas de feminicídio e seus agressores foram abordados nas narrativas do jornal impresso O Globo entre os períodos ante, durante e pós implementação da Lei do Feminicídio?'. A hipótese inicialmente proposta é que a narrativa jornalística reforça estereótipos machistas que perpetuam a violência contra a mulher.

A abordagem será pautada na clipagem de notícias que abordem o tema, divulgadas no jornal impresso O Globo em um período de seis anos (2013-2015). Para conceituar o leitor acerca dos problemas envolvidos neste crime, no segundo capítulo desta pesquisa, abordaremos a origem do patriarcado e suas influências na sociedade, além de discorrer e conceituar sobre ações do governo na busca pelo monitoramento, condenação da violência e assassinato de mulheres no Brasil.

No terceiro capítulo, vamos analisar o jornalismo não somente como uma ferramenta de levar notícias ao público, mas também como um meio de reflexão sobre a realidade retratada. Além disso, será abordada a importância da narrativa segundo Luiz Gonzaga Motta, para que esta reflexão seja gerada e como esta pode contribuir para a construção da imagem dos personagens retratados e sua trama.

E para finalizar, no quarto capítulo iremos primeiramente discorrer sob os métodos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho e a seguir, baseados na Análise Narrativa proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), analisar como foram noticiados casos de feminicídio e tentativas de feminicídio nos últimos seis anos (2013-2019), apurando se houve ou não mudanças na forma de relatar estes crimes a partir do momento em que a Lei foi promulgada.

## **2 A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER NO CENÁRIO BRASILEIRO**

As mulheres sempre foram alvos de injustiças. Apesar dos avanços nos âmbitos sociais e políticos, nosso país ainda permanece dominado e influenciado pela arcaica cultura patriarcal. Mulheres continuam tendo que lutar por direitos básicos, seus corpos ainda pertencem e são controlados pelo Estado, suas vidas são diariamente colocadas em risco e a almejada valorização social e profissional seguem sendo metas inalcançáveis no cenário atual.

Políticas públicas de enfrentamento à violência foram implementadas em nossa legislação, porém ainda se mostram frágeis e até mesmo ineficientes quando dados estatísticos divulgados pelo Monitor da Violência, em março de 2019, apontam que em média 4 mil mulheres foram mortas violentamente todos os anos na última década. Se a legislação não garantir o direito básico à vida, quem irá?

A partir desta perspectiva, no presente capítulo abordaremos a origem do patriarcado e suas influências na sociedade, além de discorrer e conceituar sobre ações do governo na busca pelo monitoramento, condenação da violência e assassinato de mulheres no Brasil.

### **2.1 Cultura Patriarcal e suas influências na sociedade**

Este tópico tem como objetivo discorrer sobre a origem e influência da cultura patriarcal na sociedade, estabelecida por homens, que desta forma disseminam a misoginia. Vejamos uma definição de patriarcado de Scott:

O patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade (1995, p.71-99).

Ainda que as mulheres tenham conquistado tantos direitos e espaços tradicionalmente reservados aos homens, leis tenham sido criadas para tipificar e criminalizar práticas que ferem profundamente a dignidade e até mesmo a vida das mulheres, um grande caminho há de ser percorrido para que a igualdade entre os sexos seja plena, pois até os dias atuais os fundamentos do patriarcado são

disseminados, culturalmente aceitos e estimulados em nossa formação como indivíduos.

A cultura patriarcal sempre esteve presente na história da humanidade. Caracterizado pela supremacia masculina e subjugação da identidade feminina, há indícios de que o patriarcado atue remotamente desde a História Antiga e Idade Média, influenciando ativamente a civilização.

O patriarca tinha sob seu poder a mulher, os filhos, os escravos e os vassalos, além do direito de vida e de morte sobre todos eles. A autoridade do patriarca sobre os filhos prevalecia até mesmo sobre a autoridade do Estado e duraria até a morte do patriarca, que poderia, inclusive, transformar seu filho em escravo e vendê-lo (ENGELS, 1884/1964 *apud* XAVIER, 1998).

Este conceito se consolidou na Roma Antiga, se tornando pilar para toda estruturação da sociedade, onde os homens desempenhavam papéis fundamentais para sua comunidade enquanto para as mulheres eram destinadas as tarefas secundárias. À proporção que os indivíduos evoluíram, assim como as comunidades, e o advento de novas tecnologias, as formas de opressão às mulheres também tomaram novas formas e se adaptaram ao novo mundo.

O domínio do homem e a subordinação da mulher não se baseiam, portanto unicamente em diferenças biológicas, mas se estabelecem através de relação sociais, e é através dessas relações sociais que a diferença biológica aparece como diferença humana. Esta configuração social da diferença e da contradição homem/mulher adquiriu uma relativa autonomia, e se reproduziu durante tanto tempo em circunstâncias tão diversas, que aparece como um dado “natural” (ALAMBERT, 1986, p. 119).

Este regime atua como uma forma de dominação dos homens sobre as mulheres, garantindo o controle opressor de seus corpos e vidas. Sendo atuante não apenas no âmbito familiar, como também em toda dinâmica social, seja ela política, trabalhista ou midiática, o patriarcado tem raízes culturais tão ascendentes em nossa sociedade que acaba sendo naturalizado e propagado pelas próprias mulheres.

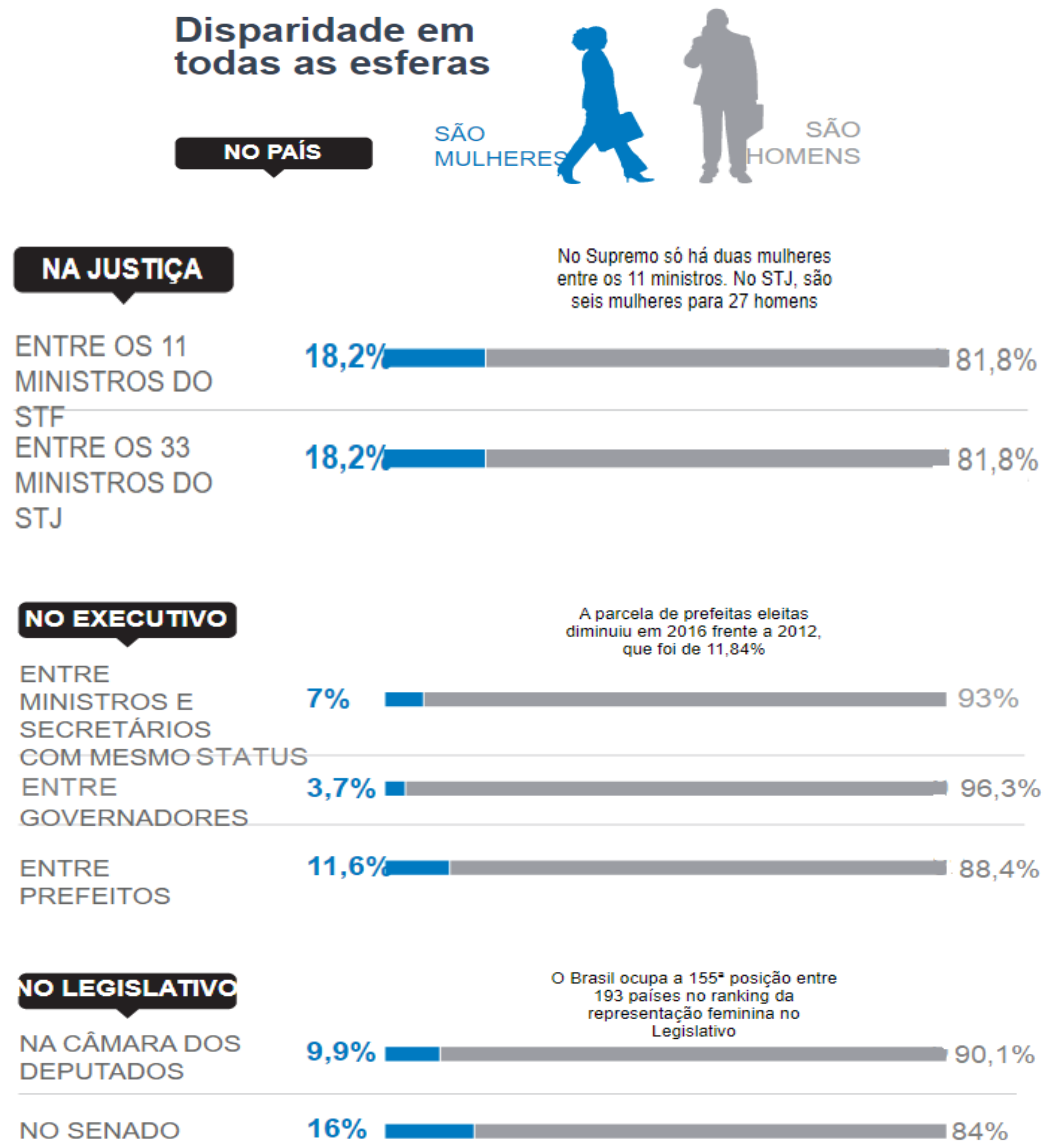
A igualdade entre os sexos é garantida pela Constituição brasileira desde o ano de 1988, porém se analisarmos, ficará explícita a displicência deste artigo ante nossa comunidade. Tendo em vista que os grandes cargos governamentais ainda são ocupados majoritariamente por homens. Consequentemente, conclui-se que dificilmente esta igualdade será plena, já que as necessidades sociais das mulheres

são construídas a partir de leis e perspectivas masculinas. Vejamos o artigo sobre igualdade entre homens e mulheres:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição; (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988).

Alguns dados sobre as diferenças das mulheres e homens em diferentes cargos:

Figura 1 - Disparidades entre homens e mulheres



Fontes: Pnad/2015, Boletim Estatístico de Pessoal do Min. do Planejamento, TSE, União Inter-Parlamentar e Consultoria de RH Oliver Wyman).

A inexistência de uma lei que discrimine o estupro no cenário matrimonial e a criminalização do aborto, são exemplos do controle do estado sobre os corpos das mulheres. Uma sociedade que contempla em sua Constituição a igualdade, porém não a pratica nos âmbitos sociais, pedagógicos e trabalhistas condena sua população a desigualdades, injustiças e distúrbios estruturais.

Tem-se urgência por uma educação primária, em ambiente escolar, que pregue e difunda o pensamento crítico em nossas crianças, o respeito às diversidades, a valorização e autonomia de meninas, formando mulheres livres e confiantes de sua capacidade.

Ensinamos as meninas a se encolherem, para se tornarem ainda mais pequenas, dizemos para meninas: “Você pode ter ambição, mas não muita, você deve ansiar para ser bem sucedida, mas não muito bem sucedida, caso contrário, você vai ameaçar o homem”. Porque sou do sexo feminino esperam que eu almeje o casamento, esperam que eu faça as escolhas da minha vida, sempre tendo em mente que o casamento é o mais importante. O casamento pode ser uma fonte de alegria, amor e apoio mútuo, mas por que ensinamos as meninas a ansiar ao casamento e não ensinamos a mesma coisa para os meninos? Criamos as meninas para serem concorrentes, não para empregos ou para conquistas (que eu acho que podem ser uma coisa boa), mas sim, para a atenção dos homens. Ensinamos as meninas que não podem ser seres sexuais, da mesma forma que os meninos são (ADICHIE, 2012, p.03)

De acordo com o livro *O Segundo Sexo*, da escritora e filósofa Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto” (2015, p.13-14) ou seja, a figura feminina é construída a partir de concepções sociais fortemente influenciadas pela cultura patriarcal. Há séculos mulheres são controladas, censuradas e predestinadas a serem e agirem como “gênero frágil”.

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente e uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais (ALAMBERT, 1986, p. 94).

Por mais que tenham ocorrido profundos avanços políticos, sociais e culturais nas últimas décadas, estes paradigmas ainda submetem as mulheres a condições de

humilhação e opressão social. Até este momento, mulheres são minoria no mercado de trabalho, ocupam majoritariamente cargos de menos destaque e influência e quando assumem as mesmas funções que um homem exerce profissionalmente recebem em média, 17% a menos por hora de trabalho na América Latina, sendo no Brasil essa porcentagem ainda maior, subindo para 25%, segundo estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) (O Globo, 2019).

A rotulação do gênero feminino como “sexo frágil”, intensifica as relações desiguais, sobrando para as mulheres papéis de subordinação, catalisando e dificultando o rompimento com os processos de violência estabelecidos no âmbito doméstico e familiar (CAMPOS; JORGE; BARCELOS, 2002). Além disso, promove a sensação de impotência diante da figura masculina, que quando ameaçada, faz da agressão uma forma de poder e dominação.

De fato, os preconceitos contra as mulheres vêm de longe; e circulam nos mais diversos níveis de ideologia dominante. Estão confortavelmente instalados nos provérbios populares, na moral tradicional, em antigos costumes, na letra dos sambas (das músicas); mas também passeiam com desenvoltura pelas obras dos filósofos e dos grandes escritores (KONDER, 2009, p. 158).

A violência de gênero pode operar de diversas formas, entre elas: violência intrafamiliar, doméstica, física, sexual, psicológica, econômica ou financeira e institucional. Estes modelos de controle ocasionam danos psicológicos, emocionais e por fim, muitas vezes, a morte da vítima.

No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social homens exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência. Com efeito, a ideologia de gênero é insuficiente para garantir a obediência das vítimas potenciais aos ditames do patriarca, tendo este necessidade de fazer uso da violência (CAMPOS; JORGE; BARCELOS, p. 1,2, 2002).

Crianças criadas em ambientes com características patriarcais e expostas a conteúdos que disseminem tais discursos estão propensas a naturalizar, absorver e por consequência promover estas tendências. Esta forma de opressão muitas vezes é justificada como “natural”, pois historicamente sempre estiveram presentes. Até mesmo instituições religiosas, que são base de princípios para muitas pessoas,

cultuam a submissão das mulheres aos homens, dissimuladamente ou até mesmo descaradamente, em alguns casos. No livro de Efésios por exemplo, disponível no livro cristão A Bíblia, podemos verificar passagens como a citada a seguir:

Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos (BÍBLIA, 2008, p.1661).

O debate sobre os direitos e a proteção das mulheres tem crescido e ganhado espaço nas últimas décadas. O advento e avanço da tecnologia, juntamente com a ascensão do movimento feminista, foram e são fundamentais nesse processo. Desde seu surgimento no século XIX, o Feminismo, movimento que luta e acredita na igualdade social, econômica e política entre os sexos, notáveis avanços e melhorias - que vão de mudanças de comportamento à reestruturação de leis - têm sido efetuados.

As ativistas femininas fizeram campanhas pelos direitos legais das mulheres (direitos de contrato, direitos de propriedade, direitos ao voto), pelo direito da mulher à sua autonomia e à integridade de seu corpo, pelos direitos ao aborto e pelos direitos reprodutivos (incluindo o acesso à contracepção e a cuidados pré-natais de qualidade), pela proteção de mulheres e garotas contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro, pelos direitos trabalhistas, incluindo a licença maternidade e salários iguais, e todas as outras formas de discriminação (FUNDO..., 2015).

Conforme nos lembra a escritora nigeriana Chimamanda Adichie:

A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura (ADICHIE, 2012, p.57).

Se as mulheres aspiram igualdade, cabe ao Estado promover e garantir este direito. A partir desta observação, no próximo tópico iremos discorrer sobre as medidas do governo em busca da prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher no Brasil.

## **2.2 A busca por prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher no Brasil**

De acordo com estudo divulgado em novembro de 2018 pelo UNODC (Escritório das Nações Unidas para Crime e Drogas) e dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a taxa de homicídios femininos global foi de 2,3 mortes para cada 100 mil mulheres em 2017, enquanto no Brasil, segundo os dados divulgados relativos a 2018, a taxa é de 4 mulheres

mortas para cada grupo de 100 mil mulheres, ou seja, 74% superior à média mundial. Desta forma mantendo o Brasil em 5º lugar no *ranking* de países com a maior taxa de feminicídio do mundo, apenas ficando atrás da: Rússia, Guatemala, Colômbia e El Salvador, respectivamente (EXAME, 2018).

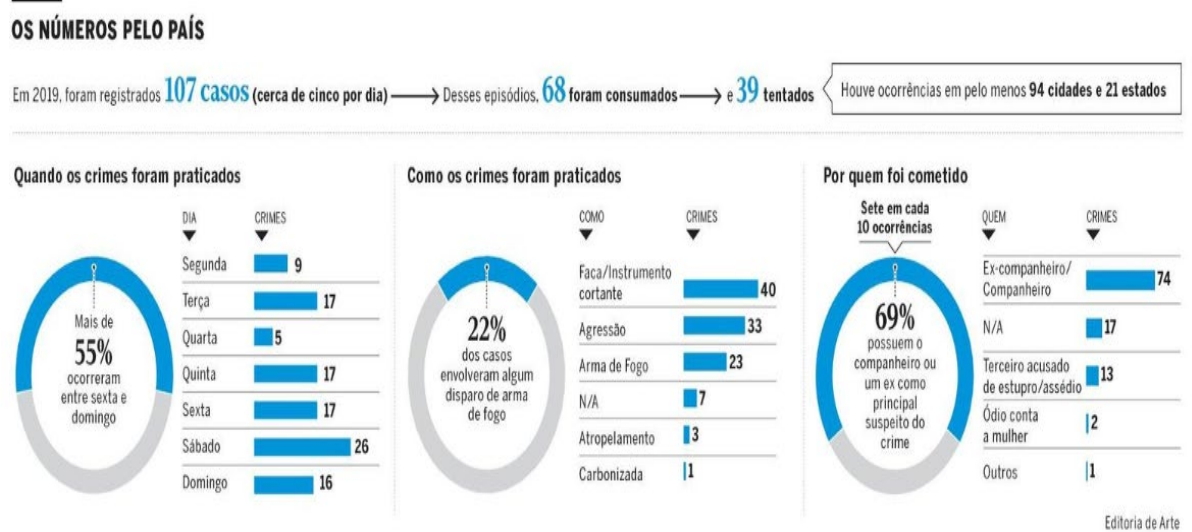
Nos últimos anos, a luta pelos direitos da mulher e por consequência os problemas conjunturais envoltos em sua figura ganharam visibilidade e passaram a ser pauta de debates públicos. Desta maneira, ferramentas com foco no enfrentamento às diversas formas de violências contra o gênero feminino foram se consolidando. Em 2006 o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei Maria da Penha e em 2015, sua sucessora Dilma Rousseff, aprovou a Lei do Feminicídio, buscando contribuir ainda mais para melhoria deste quadro de violência contra a mulher.

A Lei Maria da Penha entrou em vigor no dia 7 de agosto de 2006, onde a violência contra a mulher passou a ser criminalizada em âmbito doméstico e familiar. Esta norma definiu o conceito de violência doméstica, atribuiu penalidades mais severas à modalidade, criou mecanismos para prevenir e coibir a violência, estabeleceu Juizado Especial de violência contra a mulher e criou medidas de assistência e proteção às vítimas (NOGUEIRA, 2016, p.01).

Art. 1º - Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar (BRASIL, 2006).

A partir de uma orientação da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher (CPMI-VCM) e da Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW) da ONU, a então presidente Dilma Rousseff sancionou a Lei número 13.104. Estas comissões apuraram os dados de violência contra as mulheres, entre março de 2012 a julho de 2013, constatando os altos índices de violência no Brasil, onde acatou ao país que reforçasse a legislação nacional para punir assassinatos violentos de mulheres e meninas em razão do gênero, algo que não era estabelecido na Lei Maria da Penha (Instituto Patrícia Galvão).

Figura 2 - Números do feminicídio no Brasil



Fonte: Jornal o Globo (2018)

A partir desta recomendação, foi estabelecida a Lei número 13.104, conhecida popularmente como Lei do Feminicídio, que altera o artigo 121 do Código Penal, de 7 de dezembro de 1940, para estabelecer o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, além de o integrar ao rol dos crimes hediondos, através das alterações feitas no artigo 1º da Lei número 8.072, de julho de 1990. Ou seja, desde esta data a lei prevê penalidades mais rígidas a homicídios motivados por questões de gênero.

Feminicídio é o assassinato de mulheres por homens motivados pelo ódio, desprezo e sentimento de propriedade em relação à figura feminina. O termo ganhou visibilidade ao ser utilizado pela escritora e ativista Diana Russell, na década de 1970, na versão inglesa *Femicide*, a fim de caracterizar a discriminação contra as mulheres, que em seu aspecto mais radical, consome a morte (RADFORD, 2013). A palavra tem sido usada para representar e denunciar mortes de mulheres em diferentes meios sociais e políticos.

Trata-se de um crime de ódio. O conceito surgiu na década de 1970 com o fim de reconhecer e dar visibilidade à discriminação, opressão, desigualdade e violência sistemática contra as mulheres, que, em sua forma mais aguda, culmina na morte. Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado; ao contrário, faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam o uso de violência [masculina] extrema. Inclui uma vasta gama de abusos, desde verbais, físicos e sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie (MANICUCCI, 2015).

Na Constituição Federal de 1988, este crime é estabelecido como “crime contra a mulher por razões da condição de sexo feminino”, englobando “violência doméstica e familiar” e o “menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. A pena para o feminicídio é a reclusão, de 12 a 30 anos, para o responsável do crime, podendo ainda, ser agravada, enquanto em um homicídio é de 6 a 20 anos.

§ 7º - A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

II - contra pessoa menor de 14 (catorze) anos, maior de 60 (sessenta) anos ou com deficiência;

III - na presença de descendente ou de ascendente da vítima (BRASIL, 2015).

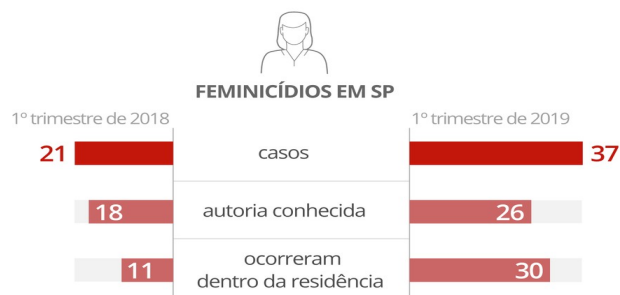
Ainda que a lei represente um grande avanço legal e que sua penalidade esteja em vigor, dados indicam o contrário do que se espera, ou seja, nos últimos anos a taxa de violência contra mulher aumentou. Segundo o Atlas da Violência 2019, a taxa de homicídios de mulheres em ambientes domésticos (onde ocorrem o maior número de mortes violentas intencionais de mulheres), cresceu 27,6% entre 2007 e 2017, expondo subjetivamente um crescimento no número de feminicídios (Folha, 2019).

Embora o número de feminicídios não seja o mesmo de mulheres mortas em suas residências por não ser regra acontecer sempre neste ambiente, esta estatística acaba por englobar o crime em questão, já que a maioria dos feminicídios ocorrem em meio domiciliar por pessoas próximas às vítimas, em especial por familiares e cônjuges. Como podemos observar no recente infográfico elaborado a partir de dados coletados da capital mais populosa do país:

Figura 3 - Feminicídios ocorridos em São Paulo entre 2018 e 2019

### Feminicídios crescem 76% no 1º trimestre

8 em cada 10 ocorrem dentro de casa



Fonte: Levantamento feito a partir de dados da Secretaria da Segurança Pública



Infográfico elaborado em: 26/04/2019

Fonte: Secretaria de Segurança Pública de SP (2019)

Por mais que gráficos e estudos comprovem os elevados números de assassinatos e violência contra a mulher, há quem discorde da relevância de uma lei específica para este público e até mesmo a intitule como favorecimento. A professora e doutora em Ciências Criminais, Carmen Hein de Campos (2015), destaca que a lei se diferencia do homicídio e que foi criada com a finalidade de garantir igualdade entre os sexos ao invés de privilégio, como sugere alguns.

Alguns podem sustentar que a qualificadora fere o princípio da igualdade ao tratar diferentemente a morte das mulheres. Entendo que não há a incidência dessa hipótese. Assim como a Lei Maria da Penha diferenciou a violência contra as mulheres nas relações conjugais e no ambiente doméstico e familiar compreendendo que há nelas um desequilíbrio de gênero em desfavor das mulheres, o feminicídio é o aspecto extremo dessa desigualdade e violência de gênero. Assim, tem-se a nomeação de uma violência decorrente de uma desigualdade de fato. Pode-se argumentar que a morte da esposa envolvendo violência doméstica e familiar seria um feminicídio ao passo que a morte do esposo não, o que violaria o princípio da igualdade. Como mencionado, o argumento não procede, pois a qualificadora nomina diferenciadamente a motivação de um comportamento feminicida ocorrido em uma circunstância específica. Argumento semelhante foi utilizado para negar eficácia à Lei Maria da Penha, mas considerado improcedente pelo Supremo Tribunal Federal (CAMPOS, 2015, p. 7).

Ainda há estudos que indicam que a existência da lei passa a sociedade uma falsa ideia de resolução do problema, pois, o Direito Penal sem o acompanhamento de políticas de redução da violência e desigualdade, além das campanhas de conscientização, se torna impotente, correndo grande risco de cair no chamado “viés simbólico”, que segundo Paulo Queiroz (1999), se traduz como uma falsa sensação de que a criminalidade está sob controle, enquanto na realidade, a longo prazo, o que será gerado é a incredulidade da população acerca do poder jurídico. Além de alterações das normas penais, é trivial promover profundas mudanças na cultura machista e patriarcal presente na sociedade brasileira.

(...) parece claro que o legislador, ao submeter determinados comportamentos à normatização penal, não pretende, propriamente, preveni-los ou mesmo reprimi-los, mas tão-só infundir e difundir, na comunidade, uma só impressão – e uma falsa impressão – de segurança jurídica. Quer-se, enfim, por meio de uma repressão puramente retórica, produzir, na opinião pública, uma só impressão tranquilizadora de um legislador atento decidido (QUEIROZ, 1999, p.09).

A penalidade é importante, porém não basta. São questões que devem gerar debates para conscientização da população, juntamente com ações preventivas, além

de atendimento e acompanhamento psicológico de vítimas e agressores, objetivando uma mudança comportamental sem a qual a violência não irá cessar.

O jornalismo, em seu trabalho de levar informação às massas, possui ferramentas essenciais para promover debates sociais sobre feminicídio entre diferentes segmentos da sociedade. Porém, vale ressaltar que a lei do feminicídio é um conceito relativamente novo inserido em nosso país e por consequência os veículos ainda seguem se adaptando para retratar tais crimes nas mídias, como será esclarecido no capítulo a seguir.

### 3. JORNALISMO E SUA NARRATIVA

O intuito deste capítulo é analisar o Jornalismo não somente como uma ferramenta de levar notícias ao público, mas também como um meio de reflexão sobre a realidade retratada. Além disso, será abordada a importância da narrativa segundo Luiz Gonzaga Motta, para que esta reflexão seja gerada e como esta pode contribuir para a construção da imagem dos personagens apresentados e sua trama.

A violência contra a mulher é um problema que sempre esteve presente na sociedade. Ao longo dos últimos anos, o tema tem sido cada vez mais pauta em círculos sociais e veículos de comunicação, o que é de grande importância para conscientização e colaboração de quebra e mudança de velhos padrões ainda existentes em nossa comunidade. Hoje, mais do que nunca, faz-se necessário a reflexão da condição feminina e suas implicações, não só no Brasil, mas no mundo. Ações rumo à equidade entre os sexos vêm sendo tomadas, porém para atingir tal feito, grandes debates sobre o tema ainda precisam ser gerados.

Todos os dias mulheres se tornam estatísticas pelo fato de serem mulheres. Segundo levantamento feito pelo G1, em março de 2019, com base em dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal, o número de homicídio de mulheres (ou seja, latrocínio ou crimes sem ligação com o gênero da vítima) no Brasil caiu, porém os casos de feminicídio só crescem. Foram 4.254 homicídios dolosos de mulheres em 2018, uma queda de 6,7% em comparação a 2017. Apesar disso, houve um aumento de 12% no número de registro de feminicídios. A cada duas horas uma mulher é morta no país. Tendo em vista tal realidade, os casos de feminicídio estão cada vez mais presente, nas notícias dos veículos midiáticos.

Uma vez que o jornalismo se baseia nos princípios de imparcialidade e objetividade, um padrão de divulgação acaba sendo criado: a falta de introdução dos fatos e contextos sociais, na abordagem de matérias jornalísticas que trazem como tema casos de feminicídios, em sua maioria se limitando ao tradicional *lead* jornalístico (“Quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê?”). O jornalista não pode “concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual”, segundo o Artigo 10 do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o que muitas vezes é ignorado,

colaborando para a permanência e disseminação de pré-conceitos em torno da figura da mulher.

Tendo o jornalismo como ferramenta formadora de opinião de toda uma sociedade, caberia então ao profissional da área, além de levar a notícia, dar subsídios para que seu público analise e pondere tais informações recebidas. A narrativa é um mecanismo significativo não somente para relatar fatos, mas também para gerar reflexão e atenção coletiva, em torno do sexismo e a violência de gênero, questões ainda comumente vistas em nossa sociedade, que acabam por serem vistas como fatalidades, assim como o feminicídio. Esse é um dos desafios diários enfrentados pelos profissionais de imprensa no fazer jornalístico.

### **3.1 O jornalismo na formação de conhecimento**

Assassinatos misóginos de mulheres pelos homens são decorrentes de uma história tão antiga quanto o próprio patriarcado (RADFORD; RUSSEL, 1992; RUSSEL; HARMES, 2001). Uma das armas para a perpetuação desses comportamentos é a mídia (RUSSEL; RADFORD, 1992), que ignora ou sensacionaliza os fatos de acordo com padrões e valores construídos com base no patriarcado.

Os assassinatos de mulheres por maridos, amantes, pais, conhecidos e estranhos não são produtos de desvios inexplicáveis. São a forma mais extrema de terrorismo sexista motivados pelo ódio, pelo desprezo, pelo prazer ou senso de propriedade. Feminicídio inclui homicídio por mutilação, homicídio por estupro, assassinato, imolação de bruxas na Europa Ocidental, e noivas e viúvas na Índia, e “crimes de honra” em alguns países latinos e do Oriente Médio, onde os rumores de que uma mulher tivesse perdido sua virgindade, a leva à morte por seus parentes masculinos. (...) Inclui uma grande variedade de abusos verbais e físicos, tais como estupro, tortura, escravidão sexual (particularmente na prostituição), abuso sexual infantil e extrafamiliar, violência física e emocional, assédio sexual (no telefone, nas ruas), clitoridectomia, excisão, infibulação, operações ginecológicas desnecessárias, heterossexualidade forçada, esterilização forçada, maternidade forçada (criminalizando a contracepção e o aborto), em algumas culturas, cirurgia estética e outras mutilações em nome da estética. Sempre que essas formas de terrorismo resultam em morte, elas se tornam femicídios (RADFORD; RUSSEL, 1992, p. 15).

O jornalismo é um veículo de extrema importância no propósito de levar informação às massas, porém, para que tal feito obtenha sucesso, um dos fatores

necessários para alcançar este desempenho é a escolha de palavras para total compreensão do público a qual se direciona.

Frequentemente expressões como “motivado por ciúmes” ou “crime passional”, são usados para retratar casos de feminicídio. O Projeto Think Olga<sup>1</sup>, aborda em seu Minimanual do Jornalismo Humanizado, a importância de não normalizar e banalizar situações de abuso ou buscar justificativas para agressão contra a mulher em matérias jornalísticas.

Essa é a principal falha nas matérias jornalísticas que abordam tanto violência doméstica quanto feminicídios. Se por um lado as vítimas de estupro têm sua conduta posta à prova na busca machista por razões que a responsabilizariam pelo crime, agressores e assassinos de mulheres têm o seu passado revirado em busca de bons antecedentes que revelem sua violência como um traço de loucura. O fato é que sua notoriedade se dá pelo crime que cometeram. Por isso, é preciso ter cautela para não minimizar a gravidade dos seus atos (THINK OLGA, 2016).

Assim como é recomendado em matérias que abordam o tema suicídio, o Think Olga sugere que também seja feita uma divulgação de informações que possam auxiliar mulheres vítimas de violência, como por exemplo, o disque-denúncia. Além de instruir os profissionais da área de comunicação a não hesitarem em utilizar o termo feminicídio nas matérias.

Se faz necessário gerar uma reflexão sobre o tema no público a qual tal veículo se destina, para que desta forma o termo seja introduzido nas matérias divulgadas. Genro Filho (1987), ressalta que o tema da notícia se constrói de acordo com as definições objetivas e subjetivas. As informações são objetivas, enquanto a elaboração da notícia se faz dependente do sujeito que a escreve e seus conhecimentos, o que inviabiliza a total objetividade de matérias jornalísticas.

A apreensão do senso comum, que corresponde à experiência cotidiana dos indivíduos, é dada pela significação meramente "funcional" no universo social vivido. Logo, em termos epistemológicos, a base na qual o fato será assentado e contextualizado tende a reproduzir de maneira latente a universalidade social tal como é vivida imediatamente. Não é por outro motivo que a ideologia das classes dominantes é normalmente hegemônica e o senso comum tende a decodificar os fatos numa perspectiva conservadora. Isso ocorre espontaneamente na sociedade, à medida que a reprodução social das pessoas, segundo padrões estabelecidos, aparece como se fosse,

---

<sup>1</sup> Think Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. O projeto é uma plataforma de conteúdos que aborda temas importantes para o público feminino de forma acessível.

diretamente, a reprodução biológica de cada indivíduo (GENRO FILHO, 1987, p.189).

Torna-se tarefa árdua produzir notícias que não disseminem ideologias de uma sociedade nitidamente demarcada pela desigualdade entre os gêneros quando se está inserido nela. O Jornalismo acaba por reproduzir os valores dominantes da comunidade.

O *lead* e a técnica da pirâmide invertida são ferramentas que auxiliam na escrita ágil e objetiva. Genro Filho (1987) destaca que o *lead* traduz o caráter singular da notícia, enquanto a pirâmide invertida abrevia as principais informações no começo da matéria e pauta os demais dados em grau de relevância. O que acaba resultando em informações rasas e breves, não gerando uma reflexão e questionamento no receptor da notícia.

O autor ressalta que há problemas nas técnicas provenientes da concepção empirista gerada pelo *lead* e pela pirâmide invertida, a qual determina que o jornalista sempre responda às seis perguntas (o quê, quem, quando, onde, como e por quê).

A tese da "pirâmide invertida" quer ilustrar que a notícia caminha do "mais importante" para o "menos importante". Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o *lead*, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação, encarna realmente o momento jornalístico mais importante. Não obstante, sob o ângulo epistemológico - que é o fundamental - a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base. O segredo da pirâmide é que ela está invertida, quando deveria estar como as pirâmides seculares do velho Egito: em pé, assentada sobre sua base natural (GENRO FILHO, 1987, p.190).

O escritor não tem como finalidade indicar o uso do *lead* incorreto e sim ponderar as consequências de se basear apenas em respostas limitadas a seis perguntas, deixando de lado, na maioria das vezes, a narrativa e o contexto social por trás dos fatos. Contemplando o jornalismo não apenas como um reproduzidor de fatos, mas sim como fonte que apresenta conhecimento aprofundado destes.

A partir da concepção de demais autores, no próximo tópico serão apresentados argumentos que evidenciam a narrativa como uma ferramenta significativa para os textos jornalísticos, onde a análise e compreensão são resultados gerados no receptor quando a descrição de fatos é incluída.

### 3.2 A narrativa na concepção da realidade

Desde os primórdios o ser humano usa a narrativa como meio de preservar memórias e transmitir informações. Esta ferramenta diariamente se faz presente em nossa rotina e convívio social, podendo ser apresentada e desenvolvida de várias formas (verbal, textual, visual e gestual). Luiz Gonzaga Motta (2013) destaca a importância da narrativa no desenvolvimento da sociedade e sua influência nas relações desenvolvidas pelo ser humano.

O homem narra: narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, trans-histórica, pancultural. Narrar é um metacódigo universal. Vivemos mediante narrações. Todos os povos, culturas, nações e civilizações se constituíram narrando. Construimos nossa biografia e nossa identidade pessoal narrando. Nossas vidas são acontecimentos narrativos. O acontecer humano é uma sucessão temporal e causal. Vivemos as nossas relações conosco mesmo e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados (MOTTA, 2013, p. 17).

Segundo Motta, esta forma de comunicação está constantemente presente em nossa rotina, e pode ser observada a todo momento. É um meio que sobrevive ao tempo e até mesmo aos avanços tecnológicos. A narrativa é um veículo de formação de identidade. Segundo o autor, por meio da narrativa:

[...] os seres humanos “reiteram e confirmam o canônico, nomeiam e explicam o desviante, legitimam e estabilizam o mundo. Na narrativa, imitamos a vida; na vida, imitamos as narrativas” (MOTTA, 2013, p. 19).

Elizabeth Bird e Robert W. Dardene (1999) consideram o estudo de narrativas essencial, tendo em vista que esta desenvolve o papel fundamental na construção cultural de toda uma comunidade. Além de preservar a ideia de que notícias são projeções narrativas de uma realidade e não a realidade de fato, sendo inegável a influência externa em sua composição.

Considerar as notícias como narrativas não nega o valor de as considerar como correspondentes da realidade exterior, afetando ou sendo afetadas pela sociedade, como produto de jornalistas ou da organização burocrática, mas introduz uma outra dimensão às notícias, dimensão essa na qual as histórias de notícias transcendem as suas funções tradicionais de informar e explicar. As notícias enquanto abordagem narrativa não negam que as notícias informam; claro que os leitores aprendem com as notícias. No entanto, muito do que aprendem podem ter pouco a ver com os fatos nomes e números que jornalistas tentam apresentar com tanta exatidão Esses

pormenores - significante e insignificante - contribuem todos para o bem mais amplo sistema simbólico que as notícias constituem (BIRD E DARDENE, 1999, p. 265).

Ainda conforme Bird e Dardene, há possibilidade de proporcionar ao público conhecimento na composição do texto jornalístico. Motta (2013) ressalta em sua obra a hierarquia de poder na comunicação entre emissor e receptor de informações. A tarefa de compreensão da narrativa se discorre entre narrador e espectador, estabelecendo-se por meio de interações entre ambos os sujeitos.

De acordo com essa perspectiva, construir sentido implica sempre em uma troca de palavras em um ato de fala interlocutivo no qual os significados circulam e se permutam permanentemente entre um emissor e um destinatário, em uma troca comunicativa através da qual os interlocutores exercem mútuas e recíprocas influências uns sobre os outros (MOTTA, 2013, p. 20).

Tendo a narrativa como componente fundamental para a comunicação, faz-se necessária a compreensão das particularidades de seu desenvolvimento. Motta (2013) lista em seu estudo, seis razões indispensáveis para compreender as narrativas. A primeira, é compreender quem somos, como construímos as nossas autonarrações. A segunda é entender como representamos o mundo. A terceira, compreender por que às vezes tentamos representar fielmente o mundo e em outras, imaginativamente. A quarta razão é entender como representamos o tempo, tornando-o um tempo humano. A quinta é verificar como as 18 narrativas estabelecem consensos a partir de dissensos. A sexta e última razão elencada para estudar as narrativas é para melhor contá-las.

Motta ainda promove um debate em torno das ferramentas da narrativa que o homem usa para reproduzir a realidade. Em um período onde a falta de testemunhas oculares se torna realidade, a necessidade de construção e interpretação do cenário social faz-se presente, para que a compreensão de fenômenos seja compreendida. Se a mídia tem o poder de usar a narrativa a favor de classes, lutas sociais e suas crenças, pode também usar desta ferramenta para contextualizar a comunidade a respeito de temas ainda incompreendidos. Por isso a importância de retratar de forma objetiva pautas que ainda possuem uma tradução equivocada de valores, como é o caso da violência contra a mulher e do próprio feminicídio. Motta ainda diz que nossa concepção de mundo é formulada pelo meio a qual convivemos, podendo ser

originados desde uma conversa informal ou até mesmo de veículos midiáticos, como a televisão, o rádio e os jornais. Esses meios nos influenciam a conceber a sociedade e seus valores. Porém, esses veículos muitas vezes, podem apresentar elementos que fogem do fluxo habitual.

Os significados divergentes se originam na percepção de anormalidades relativas à ordem estabelecida, quase sempre a ordem que aceitamos e vivemos como natural. Ao inserir-se no cotidiano da vida, o extraordinário confronta-se com a lógica da racionalidade corriqueira. Os conteúdos extraordinários se chocam com a ordem constitucional, os sentidos homogêneos e hegemônicos. O relato do extraordinário gera surpresa e a ansiedade e desencadeia um processo de negociação de sentidos de redução da ambiguidade. O incidente discrepante precisa ser nomeado, classificado e assimilado (MOTTA, 2013, p. 56).

Os próprios casos de feminicídio são tidos como crimes que fogem do habitual, principalmente por se tratar de um crime motivado pelo sexismo. Mas a maioria dos veículos retratam de forma rasa esta barbárie e se limitam às perguntas padrões do *lead*, deixando de lado detalhes imprescindíveis para formulação de opinião do leitor e até mesmo substituindo o termo preciso.

As narrativas também atuam de forma fundamental no parecer de problemas existentes em nossa sociedade.

O papel dos relatos é ambivalente. Por um lado, insistem sobre as ameaças; por outro, oferecem uma visão tranquilizadora rumo ao restabelecimento da ordem. É preciso domar o selvagem, colocar ordem nas coisas, nomeá-las, explicá-las, assimilá-las. A sociedade precisa retomar rapidamente sua estabilidade - ou a loucura se instala. Quanto maior a ambiguidade, maior será a necessidade de informações adicionais para que o impacto e a ansiedade inicial esmoreça e os acontecimentos possam ser assimiladas. Novos relatos convocam, estabelecem competências, criam e legitimam atores, geram cognitivamente novos consensos, reintroduzindo a ordem onde a desordem ameaçava tornando familiar o que antes era não familiar (MOTTA, 2013, p. 56).

As narrativas devem ser usadas como um instrumento de estruturação e acréscimo de informações. A partir dela, a sociedade obterá recursos para compreender as problemáticas por trás das pautas midiáticas. Para observar a produção jornalística sobre feminicídios, no próximo capítulo, vamos analisar a cobertura realizada pelo jornal impresso O Globo, líder no ranking de circulação nacional.

## **4 ANÁLISE PRAGMÁTICA DA NARRATIVA DOS CASOS DE FEMINICÍDIO NOTICIADOS NO JORNAL IMPRESSO O GLOBO**

A intenção deste capítulo é primeiramente discorrer sob os métodos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho e a seguir, analisar como foram noticiados casos de feminicídio e tentativas de feminicídio nos últimos seis anos (2013-2019), apurando se houve ou não mudanças na forma de relatar estes crimes a partir do momento que foi configurada a Lei 13.104 em 2015.

Para tanto usamos como objeto de análise o jornal impresso O Globo (veículo referência em âmbito nacional e internacional), segundo dados divulgados pelo IVC (Instituto Verificador de Comunicação) em janeiro de 2019, avaliando como fora construída a narrativa acerca destes casos tendo como base a metodologia desenvolvida por Motta (2013) em “A análise pragmática da narrativa jornalística” em conjunto com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e o Minimanual do jornalismo humanizado, elaborado pela ONG feminista, Think Olga.

### **4.1 Metodologia**

Este trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa que analisa notícias de feminicídio e tentativas de feminicídio veiculadas pelo jornal impresso O Globo. Para tanto, realizou-se uma análise documental de notícias publicadas por este veículo de comunicação, em um período de seis anos (2013-2019). Os resultados qualitativos deste trabalho possibilitaram o desenvolvimento de uma análise sob um movimento social de grupos e realidades ainda pouco explorados.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo (BOGDAN; BIKLEN, 2000, p. 49).

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, que apresenta como objeto de análise conteúdos provenientes de um jornal impresso, fez-se necessário como sugere Bauer e Gaskell (2002), ter a atenção voltada tanto para os textos quanto para

as imagens fornecidas pelo veículo, pois estes elementos são ferramentas fundamentais para construção de uma realidade social. Além disso é necessário o amparo teórico-metodológico para fugir de qualquer barreira ideologicamente formada.

Os dados formais reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social. Um jornal representa até certo ponto o mundo para um grupo de pessoas, caso contrário elas não o comprariam. Nesse contexto, o jornal se torna um indicador desta visão de mundo (BAUER; GASKELL, 2002, p. 22).

Conceituados as ideias expostas acima, no próximo tópico se dará a metodologia desenvolvida para análise qualitativa de dados selecionados no veículo de interesse.

#### 4.1.1 Metodologia de análise qualitativa de dados

Ao consultar o acervo digital do veículo em questão, foi encontrado um número consideravelmente pequeno de notícias com o termo “feminicídio”, se comparado às estatísticas que indicam os exorbitantes índices de mulheres mortas todos os dias no Brasil, vitimadas por este crime. No site, o mecanismo de busca apresentou resultados para o termo a partir do ano de 2013, onde apareceu em 336 páginas desde então, destas apenas 25 eram notícias factuais relevantes para esta pesquisa – ou seja: notícias de crimes envolvendo feminicídio de fato<sup>2</sup>.

Tabela 1 - Incidência do termo feminicídio ao longo dos anos no acervo digital do jornal o Globo

ANO	NÚMERO DE PÁGINAS TOTAL ANUAL	NÚMERO DE NOTÍCIAS RELEVANTES
2013	03	00
2014	08	00
2015	27	00
2016	31	00
2017	49	03
2018	91	16
2019	127	06

Fonte: Jornal O Globo (2019)

<sup>2</sup> Das 336 páginas onde apareciam o termo ‘Feminicídio’, 311 abordavam a palavra em artigos de opinião e em apenas 25 foram encontradas notícias de crimes envolvendo feminicídio de fato.

Tendo em vista que o termo feminicídio é um vocábulo consideravelmente novo inserido em nossa sociedade e que os veículos ainda estão se adaptando e fazem uso de outros recursos de linguagem para referir-se a este crime, decidimos abranger a pesquisa para outras duas sentenças: “homem mata mulher” e “marido mata mulher” já que em sua maioria o autor deste crime é configurado como homem, parceiro ou ex-parceiro da vítima.

Ao pesquisar pela sequência de palavras “homem mata mulher” e “marido mata mulher” o mecanismo de busca do acervo apresentou resultados desde o ano de 1920. Devido ao elevado número de páginas e para que fosse possível fazer uma análise no tempo estabelecido, a pesquisa teve que limitar-se (seguindo o caminho indicado pelo resultado apresentado na busca do termo feminicídio) ao ano de 2013 em diante. A frase “homem mata mulher” aparece em 1.546 páginas. Nestas, apenas 03 notícias eram relevantes para a pesquisa e a frase “marido mata mulher” manifestou-se em um total de 582 páginas, nas quais onde apenas 03 notícias foram selecionadas.

Tabela 2 - Resultados para a frase “homem mata mulher” exibidos no acervo digital do jornal O Globo.

ANO	NÚMERO DE PÁGINAS TOTAL ANUAL	NÚMERO DE NOTÍCIAS RELEVANTES
2013	266	00
2014	337	02
2015	268	00
2016	221	00
2017	242	00
2018	165	00
2019	47	00

Fonte: Jornal O Globo (2019)

Tabela 3 - Tabela apresentando resultados para a frase “marido mata mulher” exibidos no acervo digital do jornal O Globo. (continua)

ANO	NÚMERO DE PÁGINAS TOTAL ANUAL	NÚMERO DE NOTÍCIAS RELEVANTES
2013	78	00
2014	147	00
2015	101	00
2016	77	00
2017	99	01

2018	60	02
2019	20	00

Fonte: Jornal O Globo (2019)

Após levantamento de dados, clípagem de notícias e a conceituação de fundamentos essenciais para elaboração de uma análise criteriosa acerca da narrativa jornalística, o próximo tópico apresentará o material selecionado onde será desenvolvida a análise embasada nos seis passos propostos por Motta (2013), onde vamos observar a continuidade e coincidências temáticas, identificar conflitos, personagens, ferramentas usadas pelo narrador para camuflar sua opinião e a existência (ou não) de um fundo ético e moral nestas notícias.

#### **4.1.2 Metodologia de análise documental de dados**

Ressaltando o tema do terceiro capítulo deste trabalho, a narrativa desenvolve um papel fundamental para compreensão efetiva da mensagem que o emissor deseja transmitir, bem como nos melhores textos, no jornalismo desempenha o papel fundamental de traduzir conhecimentos objetivos e subjetivos do mundo em relatos, proporcionando ao receptor a compreensão de um desenrolar lógico e cronológico. Assim como defende Motta (2013), a organização narrativa do discurso midiático, embora seja espontânea e intuitiva, não é casual, pois através de opções linguísticas e extralinguísticas o narrador introduz efeitos (conscientes ou inconscientes) em seu texto que induzem ao destinatário sentidos almejados.

Para desenvolver a análise prática da narrativa, Motta propõe seis movimentos aos pesquisadores: 1º movimento: recompor a intriga ou acontecimento jornalístico; 2º movimento: identificar os conflitos e funcionalidades dos episódios; 3º movimento: a construção de personagens jornalísticos; 4º movimento: estratégias comunicativas; 5º movimento: a relação comunicativa e contrato cognitivo e por fim, o 6º movimento: as metanarrativas. Neste trabalho, todos os seis procedimentos foram fundamentais para interpretação, compreensão e desenvolvimento de resultados.

De acordo com o primeiro movimento proposto por Motta, o analista precisa observar a continuidade e coincidências temáticas, a partição recorrente de um mesmo tema nas notícias isoladas, seja ela em personagens, cenários ou situações, onde estratégias narrativas jornalísticas irão revelar as intenções do narrador.

O segundo movimento destaca a importância dos conflitos para os veículos de comunicação, já que estes desencadeiam os desdobramentos das narrativas jornalísticas. Motta sugere que o analista identifique os episódios de desequilíbrio nos textos que possivelmente serão pautas para uma nova notícia, podendo aparecer como: situações estabilizadas, complicações, desfechos, punições e assim por diante.

No terceiro movimento, Motta defende que a figura dos personagens citados no texto exprimem as marcas do narrador. Os indivíduos abordados por jornalistas, são apenas atores que desempenham funções no progredir da narrativa, ou seja, a construção dos personagens é criada na mente do leitor a partir de perspectivas do escritor; sabemos dessa pessoa apenas o que a mídia nos oferece. Como critério de análise, sugere-se distinguir e hierarquizar personagens de acordo com suas ações, seu ser, sua posição e designação.

O quarto movimento defende que nenhuma narrativa é ingênua, abordando a forma como recursos de linguagem são usados no jornalismo para dissimular pistas de que exista um narrador por trás dos textos jornalísticos. Desta forma são apresentadas ferramentas para que o analista identifique traços que o narrador da história recorra para camuflar sua real opinião, como por exemplo, o recorrente uso de citações, identificação sistemática de lugares e personagens, uso de artigos demonstrativos, números e estatísticas.

O quinto movimento acentua a ideia de que há um pacto ilusório na comunidade de leitores e jornalistas de que o jornalismo é um local isento, preciso e sem pressuposições, tornando esta forma de comunicação eficiente. Compreendendo este fator, o analista é capaz de identificar mais facilmente violações, insinuações, ironias e outros efeitos de sentido presentes nos textos jornalísticos.

Para concluir, Motta aborda no sexto movimento, que toda narrativa jornalística é fortemente dominada por um fundo ético e moral, poucas vezes transparecido nitidamente. Os fatos só são relevantes e noticiados se houver alguma razão ética e

moral que justifique seu relato: o crime não compensa; a corrupção tem de ser punida; o trabalho enobrece; a família é o bem maior e assim por diante.

Para desenvolver uma análise da narrativa dos casos de feminicídio, seguindo os passos metodológicos propostos por Motta (2013), era necessária a seleção de episódios de feminicídios, objeto desta pesquisa. Desta forma, após o estudo da metodologia, o passo seguinte foi a clipagem e análise documental das notícias de interesse.

#### **4.2 Análise da cobertura jornalística**

Enquanto termos como “crime passional” apresentam resultados de busca desde o ano de 1920, a primeira aparição do termo “Feminicídio” no impresso do jornal O Globo foi no dia 06 de setembro de 2013, na editoria “Mundo” onde são abordados os mais variados assuntos sobre acontecimentos de destaque a nível global. Na situação, a palavra foi usada e ligeiramente conceituada em uma matéria que abordava dados estatísticos deste crime na cidade de Juárez, no México. Porém não foi selecionada para análise já que este tipo de texto não é o foco do nosso trabalho, que, como frisado anteriormente, traz como objetivo analisar apenas notícias factuais.

Assim como evidenciado na tabela esboçada no penúltimo tópico, o termo foi ser usado para caracterizar esta forma de violência em uma notícia apenas no ano de 2017, dois anos após a implementação da Lei 13.104 (Lei do feminicídio). Antes disso era abordado apenas em matérias e artigos de opinião.

Seguindo a metodologia indicada no primeiro movimento proposto pelo Motta (2013), foram observadas e destacadas onze coincidências temáticas recorrentemente usadas para noticiar estes crimes, o que possibilitou a fácil identificação e análise, juntamente com os outros cinco passos esclarecidos anteriormente. Estas características captadas em grande número de notícias selecionadas serão evidenciadas na legenda a seguir para que desta forma a compreensão da próxima tabela se dê mais facilmente:

Tabela 4 - Tabela desenvolvida com a função de legenda, base para compreensão da próxima tabela.

Característica 00	Não apresenta imagens
Característica 01	Exibe foto apenas da vítima
Característica 02	Exibe foto apenas do agressor, vítima e agressor em clima de romance ou imagem de terceiros.
Característica 03	Contextualiza o cenário em que a vítima vive socialmente
Característica 04	Não contextualiza o cenário da vítima, apenas noticia o crime
Característica 05	Expõe detalhes de como o crime foi executado
Característica 06	Faz uso do termo "feminicídio"
Característica 07	Define com outro termo essa forma de crime
Característica 08	Tentativa de feminicídio
Característica 09	Cita como motivação para o crime: ciúmes ou fim de relação
Característica 10	Possui desdobramentos
Característica 11	O crime foi cometido pelo companheiro ou ex-companheiro

ANO	TERMO PESQUISADO NO MECANISMO DE BUSCA DO ACERVO ONLINE DO JORNAL O GLOBO	MANCHETE	CARACTERÍSTICAS PRESENTES NO TEXTO
2014	Homem mata mulher	Miss Honduras e irmã são encontradas mortas	01; 03; 05; 07; 11.
2014	Homem mata mulher	Homem mata mulher e a filha e tenta se suicidar	00; 04; 05; 07; 11.
2017	Feminicídio	Estudante é morta a tiros em escola de GO	01; 03; 05; 06; 07; 11.
2017	Feminicídio	Feminicídio	00; 04; 05; 06; 11.
2017	Feminicídio	Maria da Penha	00; 04; 05; 06; 11.
2017	Marido mata mulher	Funkeira sofre tentativa de homicídio depois de festa na Barra	01; 03; 05; 07; 08; 11.
2018	Feminicídio	Mulher é morta com duas facadas por ex-marido	02; 03; 05; 06; 11.
2018	Feminicídio	Encontrada seminua, com cortes no pescoço	01; 04; 05; 07; 11.
2018	Feminicídio	Facada no peito e nas costas	01; 04; 05; 07; 11.
2018	Feminicídio	Violência seguida por 'queda' da janela	01; 04; 05; 07; 10; 11.
2018	Feminicídio	Grávida asfixiada na frente do filho	01; 04; 05; 07; 09; 11.
2018	Feminicídio	Por trás de morte, ciúme doentio	02; 03; 05; 06; 09; 10; 11.
2018	Feminicídio	Após discussão, estudante de medicina espancou até a morte namorada	01; 03; 05; 11.
2018	Feminicídio	Jovem baleada na cabeça foi submetida a cesariana	01; 04; 05; 06; 11.
2018	Feminicídio	Brutalidade na morte de mãe e filho	01; 03; 05; 07; 11.
2018	Feminicídio	Mulher leva cinco tiros dentro de casa, no Catete	01; 03; 05; 06; 08; 11.
2018	Feminicídio	Jovem de 19 anos é estrangulada por namorado	01; 03; 05; 06; 11.
2018	Feminicídio	Feminicídio resolvido em família	02; 03; 05; 06; 09; 11.
2018	Feminicídio	Porteiro que esfaqueou mulher já havia agredido a vítima antes	00; 03; 05; 06; 08; 09; 11.
2018	Feminicídio	Ex-marido é suspeito de matar mulher grávida	00; 03; 05; 06; 09; 10; 11.
2018	Feminicídio	Mulher é morta com tiro de fuzil no rosto por namorado	01; 03; 05; 06; 11.
2018	Feminicídio	Engenheiro acusado de matar a ex-namorada na Austrália é preso	02; 03; 05; 06; 09; 11.
2018	Marido mata mulher	Atriz agredida diz que marido já fez mais vítimas	02; 03; 05; 06; 08; 10; 11.
2018	Marido mata mulher	Marido mantém mulher refém por duas horas	00; 03; 05; 07; 08; 11.
2019	Feminicídio	Homem leva 37 anos de prisão por feminicídio	00; 03; 05; 06; 09; 11.
2019	Feminicídio	Feminicídio: homem diz que deu R\$ 150 para amigo ocultar corpo	02; 03; 05; 06; 09; 11.

2019	Feminicídio	Homem arrasta namorada presa a carro por 50 metros	00; 03; 05; 06; 08; 11.
2019	Feminicídio	Mulher é morta a tiros pelo marido, policial da reserva	01; 03; 05; 06; 09; 11.
2019	Feminicídio	Vendedora tira namorado da cadeia e, um ano depois, é morta	01; 03; 05; 06; 11.
2019	Feminicídio	Família acusa namorado de jovem de 16 anos de feminicídio	02; 03; 05; 06; 11.

Com o amparo dos dados coletados a partir das orientações desenvolvidas por Motta (2013), dispostos na tabela acima, juntamente com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, os resultados exibidos nas ilustrações dos gráficos que serão divulgados a seguir e ferramentas elaboradas no Minimanual do jornalismo humanizado (criado pela ONG feminista Think Olga), iremos a seguir, discorrer sobre o cenário encontrado na narrativa produzida pelo jornal impresso O Globo, acerca dos crimes de feminicídio.

#### Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

##### Art. 6º É dever do jornalista:

XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (CÓDIGO, 2007, p.02)

Apesar dos crimes de gênero sempre terem existido, o termo “feminicídio” se trata de uma palavra razoavelmente nova inserida em nossa sociedade e progressivamente tem ganhado espaço no vocabulário brasileiro e na mídia em geral, assim como abordamos nos capítulos anteriores.

Tabela 5 - Resultados do termo feminicídio no Google (continua)

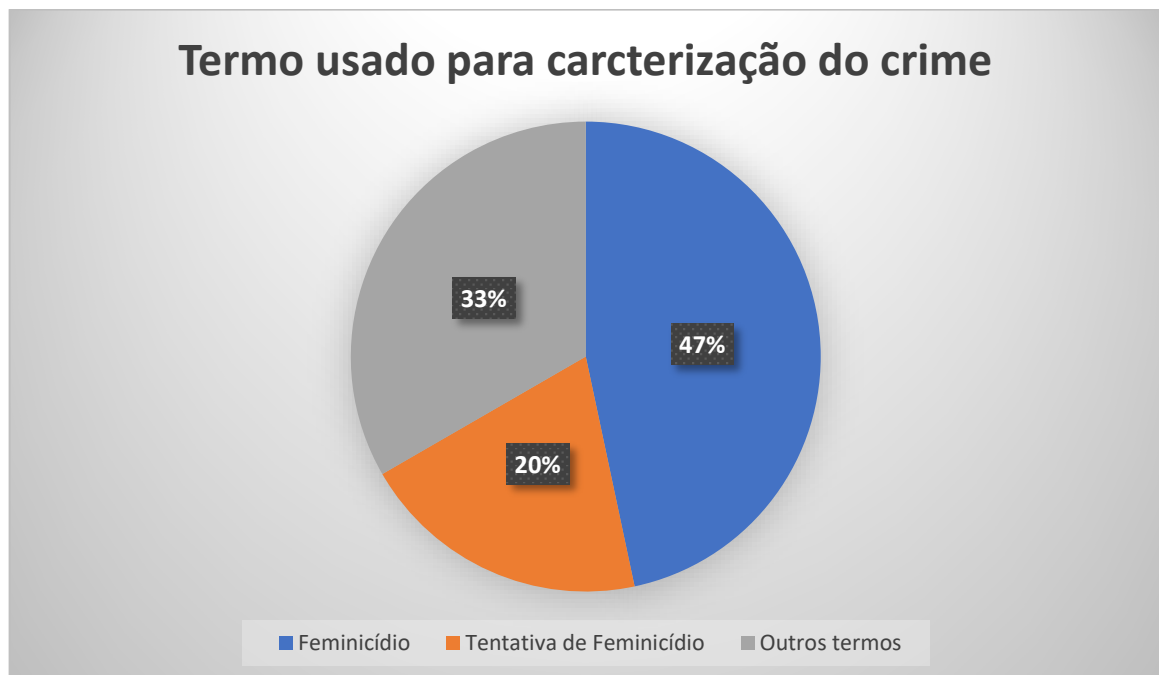
Ano	Resultado de busca do termo Feminicídio no Google
2010	7.080
2011	12.400
2012	18.000
2013	30.600
2014	40.000
2015	59.800
2016	81.400
2017	227.000

2018	826.000
2019	3.480.000

**Fonte:** Elaboração própria, segundo mecanismos de busca do Google

Os veículos de comunicação ainda seguem se adaptando para a introdução deste vocábulo em seus textos, incluindo o jornal impresso O Globo, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Termos usados pelo narrador para caracterizar o crime nas notícias selecionadas



Fonte: Elaboração própria

Como ilustrado, em 47% das trinta notícias analisadas o termo feminicídio fora usado para caracterizar o assassinato de mulheres por condição de gênero, mas ainda se faz presente o uso de outras palavras para abordar o assunto em 33% dos casos analisados, como por exemplo o uso da expressão “crime passional”, que passa a falsa ideia de que o crime foi cometido por paixão. Assim como sugere o Minimanual do Jornalismo Humanizado (2016), é de extrema importância que a mídia aproveite seu espaço de visibilidade para divulgar esta ferramenta, que hoje mais do que uma simples expressão, o termo feminicídio se traduz como um movimento político, capaz de tipificar, contabilizar precisamente e conscientizar a população acerca dessa problemática.

No terceiro movimento, Motta (2013) diz que na construção dos personagens, a imagem elaborada e percebida pelo leitor será desenvolvida a partir do ponto de vista do narrador. O que ficou claro nos textos selecionados é que o jornal prioriza a

figura da vítima sob a do agressor. Como veremos a seguir, a maioria das fotos divulgadas eram das vítimas, as narrativas giravam em torno de características e informações sobre a vida da mulher e também da trama sofrida pela mesma até que o crime fosse executado, deixando o agressor como personagem secundário da história.

Em 100% dos casos selecionados o autor do crime foi o parceiro ou ex-parceiro da vítima, comprovando os dados divulgados no segundo capítulo deste trabalho. Portanto vale ressaltar, ainda conforme o Minimanual do Jornalismo Humanizado (2016), que o feminicídio, assim como qualquer outra forma de violência contra mulher, são crimes de gênero que devem ser tratados singularmente e sem romantização nas abordagens jornalísticas.

Como veremos mais adiante, o jornal priorizou divulgar na maioria das matérias imagens das vítimas ao invés de fotos do suspeito e quando esta se fazia presente, geralmente se tratavam de notícias provenientes de desdobramentos, onde traziam informações sobre o possível “futuro” do agressor ou de imagens onde apareciam os dois personagens (vítima e agressor) em situação romantizada.

Gráfico 2 - Agressores em potencial



Fonte: Elaboração própria

Caracterizar esta forma de violência como um crime motivado por ciúmes por exemplo, só reforça a ideia machista de que a vida e o corpo de uma mulher, são

propriedades de um homem. Essa forma de abordagem foi observada em 30% das notícias selecionadas, como podemos verificar abaixo:

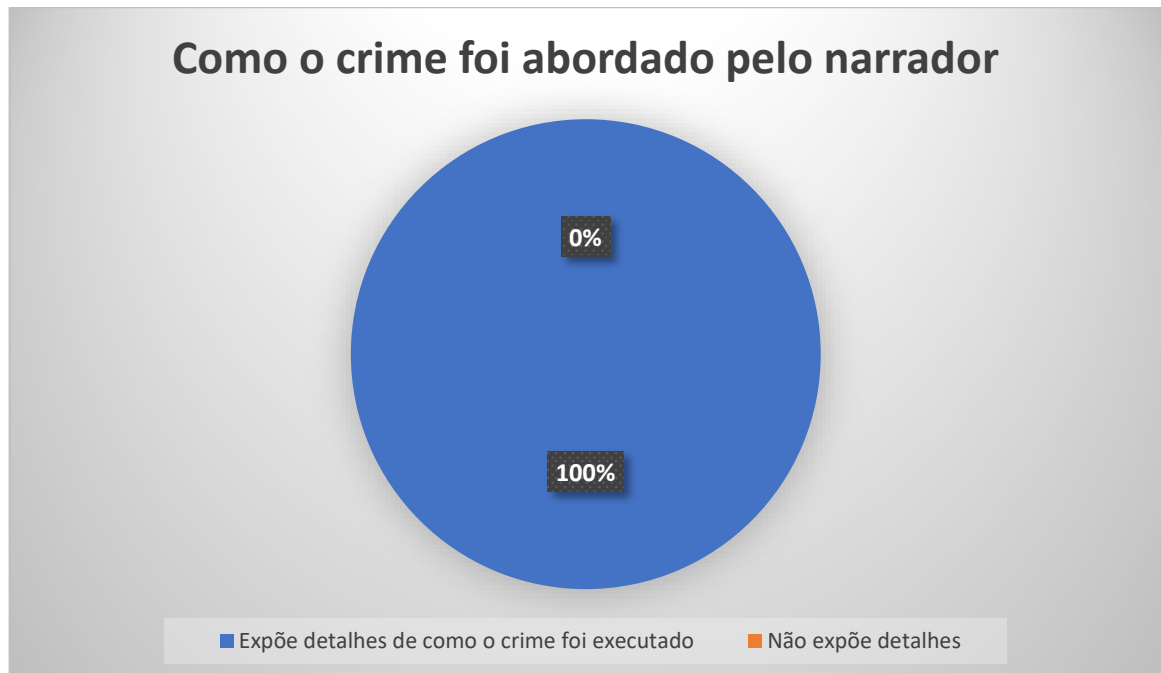
Gráfico 3 - Motivos que o narrador apresenta para o crime



Fonte: Elaboração própria

De acordo com o Artigo 11º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), o jornalista não pode divulgar informações de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes, mas das notícias selecionadas, em 100% dos casos o narrador abordou de maneira explícita as ferramentas usadas pelo agressor para concretizar o crime.

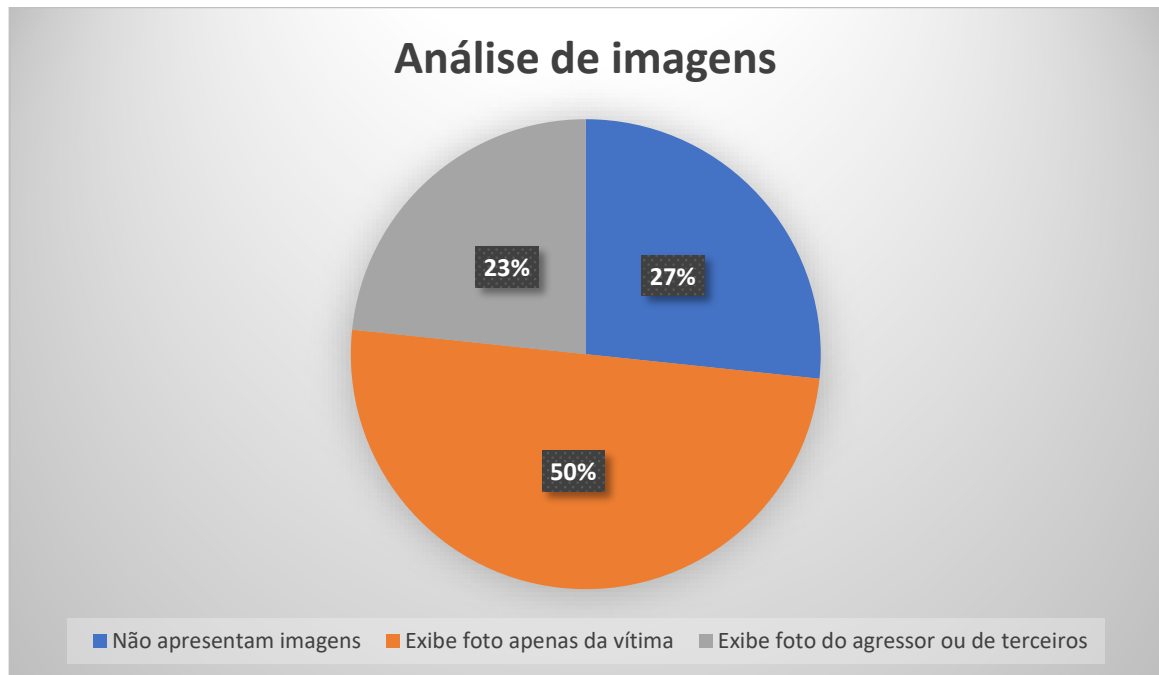
Gráfico 4 - Abordagem do crime pelo narrador



Fonte: Elaboração própria

Segundo o Artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o jornalista tem como dever em sua profissão respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão. Como podemos observar no gráfico abaixo, em 50% das notícias selecionadas a imagem da vítima foi exposta nas páginas dos jornais, em 23% a imagem do agressor (onde muitas vezes era explorada em situação romantizada com a vítima) e em apenas 27% dos casos não haviam fotos para ilustrar o assunto.

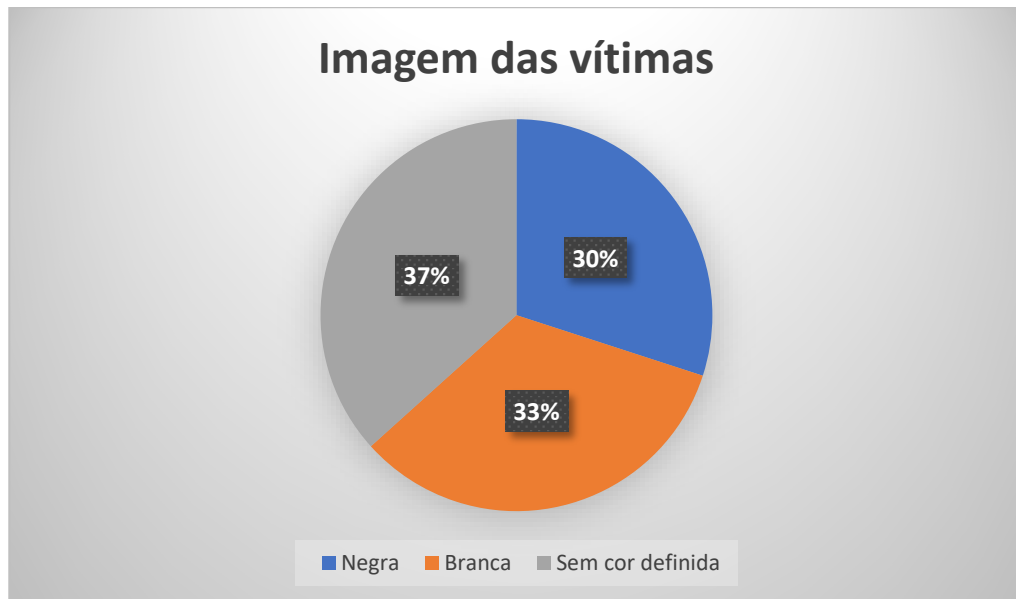
Gráfico 5 - Análise das imagens



Em nenhum dos casos se tratava de imagens com teor mórbido (priorizadas por muitos veículos), porém questiona-se a relevância da exposição desnecessária da mulher violada. O 9º artigo do Código de Ética, estabelece ainda que a presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística. Desta forma, com a exposição de imagens do até então suspeito na mídia, deixa o réu à mercê da justiça popular.

A partir das imagens e textos divulgados no impresso, também foi possível reparar quais casos eram priorizados pelo jornal. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 61% das vítimas de feminicídio são negras, contra 38,5% de brancas (O Globo, 2019). Mas como podemos observar abaixo, das trinta notícias selecionadas 37% não consideraram a cor da vítima como fator relevante em seus textos, 33% esboçava a figura de mulheres brancas em sua maioria de classe média-alta e por fim 30% dessas imagens eram de mulheres negras, geralmente habitantes de zonas periféricas.

Gráfico 6 - Imagem das vítimas



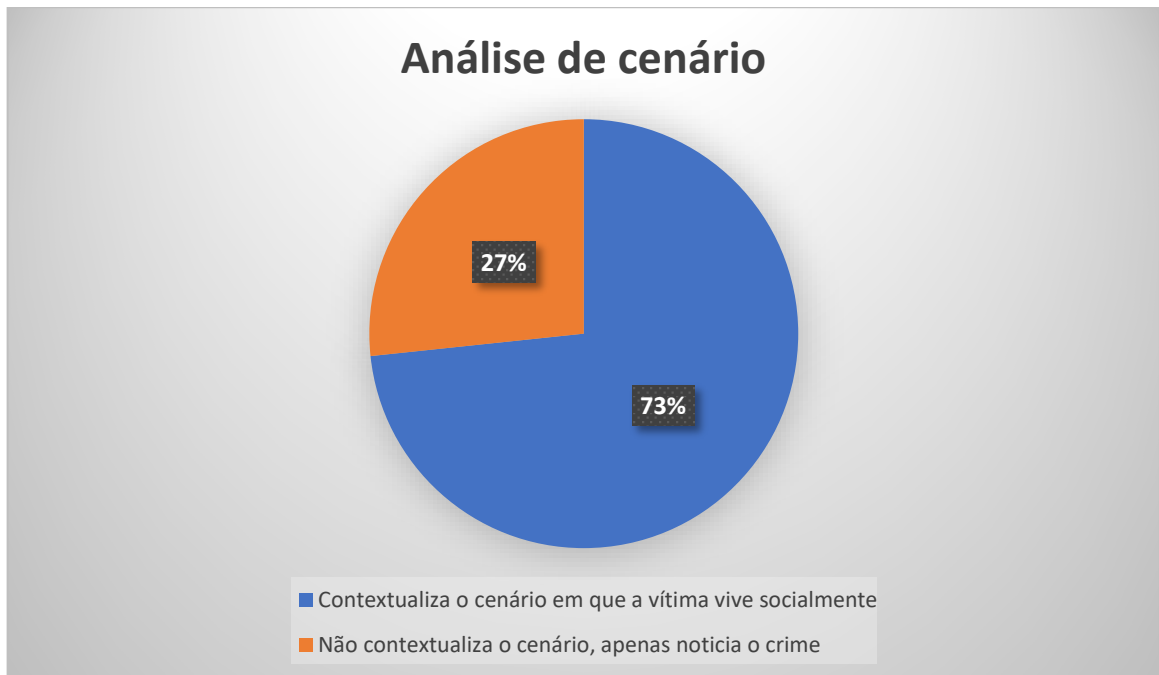
Fonte: Elaboração própria

Sabemos que os veículos de comunicação possuem como objetivo absoluto, a divulgação de eventos. Porém quando esse evento se trata de um crime, é essencial que uma contextualização de aspectos culturais, familiares, sociais e éticos em que os personagens da trama estavam inseridos seja desenvolvido pelo narrador, para que desta forma o leitor esteja atento e conceituado aos fatores predispostos em um indivíduo capaz de cometer tal atrocidade.

Existem inúmeros fatores associados à violência contra a mulher, tais como os antecedentes familiares de violência, o uso de álcool pelo parceiro, o desemprego, o baixo nível socioeconômico da vítima, além do frágil apoio social ofertado à mulher. Entretanto, o principal fator relacionado a essa forma de violência são as desigualdades causadas por relações tradicionais de gênero, em que as agressões significaram uma estratégia de manutenção do poder masculino (SILVA; OLIVEIRA, 2016, p.332).

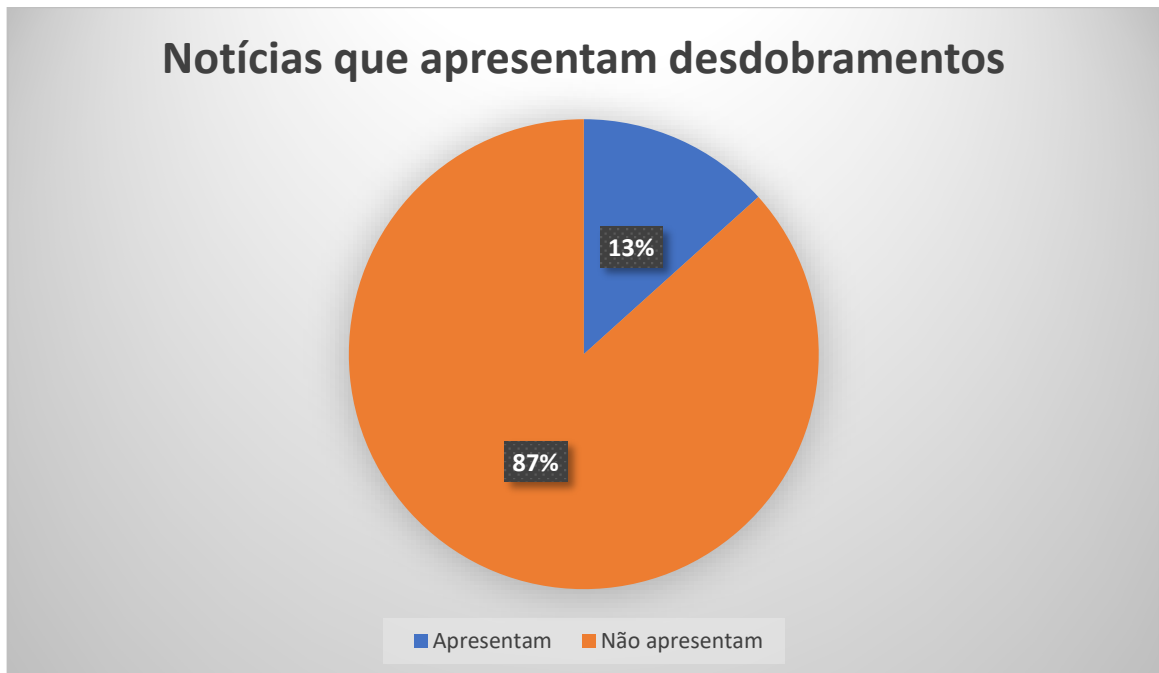
Das notícias selecionadas, foram observadas a contextualização de cenário dos personagens em mais de 70% dos casos, mas apenas 13% destes, apresentaram novas informações sobre o fato em desdobramentos de uma nova edição do jornal, como podemos observar nos dois gráficos ilustrados a seguir:

Gráfico 7 - Análise de cenário



No segundo movimento, Motta (2013) diz que a partir de episódios de desequilíbrio, complicações, punições, desfechos, entre outros conflitos, poderiam surgir desdobramentos e por consequência gerar maior audiência ao jornal, que ganharia a atenção do leitor. Das trinta notícias analisadas, apenas quatro receberam desdobramentos, o que se torna algo curioso já que estamos tratando de situações fonte de tantos conflitos. Ao observar os textos que desencadearam desdobramentos (salvo um dos quatro casos), algumas características em comum se destacam: todos se tratavam de personagens brancos, de certa visibilidade social e alto poder aquisitivo.

Gráfico 8 - Notícias com desdobramentos



Fonte: Jornal o Globo

#### 4.2.1 Impressões sobre a análise

Observando os dados exibidos acima em conjunto com o material selecionado base desta pesquisa, o que fica claro é que tais crimes não ocupam um papel privilegiado na imprensa do jornal impresso O Globo, já que o número encontrado de notícias que abordam o assunto no veículo expressaram uma parcela muito baixa se comparada aos altos índices de feminicídio executados em nossa sociedade.

Além disso, com um olhar mais atento, podemos observar o que Motta (2013) abordou no quarto, quinto e sexto movimento: o desenvolvimento de métodos capazes de camuflar a opinião do autor que de alguma forma induzem ao leitor a conclusões preestabelecidas. Como por exemplo, o uso de fontes sejam elas oficiais, oficiosas ou independentes, escolhas de palavras tendenciosas colocando a inocência da vítima em questão e em alguns casos a divulgação das penalidades executadas sob os agressores, deixando o fundo ético e moral: 'o crime não compensa', nas entrelinhas.

Outro ponto que podemos destacar nas notícias divulgadas, é que em todos os casos o modo como o suspeito executou o crime foi detalhadamente narrado, revelando uma característica sensacionalista nestes textos que atrai o receptor através de detalhes que apenas satisfazem curiosidades.

A palavra sensacionalista designa matérias que tem a capacidade de estimular respostas emocionais no leitor. Pode se referir ao trato que determinada mídia faz de temas como crimes, desastres, sexo, escândalos e monstruosidades. Tem-se uma valorização da emoção, em detrimento da informação, através de exagero, deturpações, ambivalências semântico linguísticas, exploração do vulgar, do extraordinário e espetacular. Destaca o supérfluo e sugestivo. O conteúdo dessa imprensa é geralmente sexo, sangue e escândalos. Serve para atender a instintos imediatos do leitor, fazendo com que o mesmo se afaste da realidade ao invés de se voltar para a mesma (ANGRIMANI, 1995, p.30).

Em grande parte das notícias as vítimas eram personagens principais na narrativa, onde o jornalista contextualizava o cenário em que essas mulheres se encontravam socialmente, salvo em textos originados de desdobramentos em que a pauta geralmente se tratava de um encerramento da trama voltado em sua maioria para particularidades do julgamento e punição destinados ao autor do crime.

Além disso, outro detalhe que se destaca foi a identificação de tantos pontos em comum em uma quantidade considerável de notícias, deixando implícito que o jornalismo criou métodos de abordagem que permitem ao jornalista desenvolver de forma similar situações parecidas por meio de conhecimentos fundamentados.

A teoria do enquadramento tem sido incorporada pelos estudos dos media, onde se considera que os textos jornalísticos, através de elementos como os títulos, o lead ou as citações destacadas, apresentam estruturas que enquadram os eventos e lhes definem sentidos. Os enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados nos relatos jornalísticos (Cfr. Porto, 2004: 91). Assim, chamam a atenção para determinados tópicos e excluem outros, sublinham os dados fornecidos por certas fontes sobre outras, acentuam as ações de determinados agentes e minimizam outras, consideradas irrelevantes. Considera-se a ideia de enquadramento como uma ideia central e organizadora que configura a percepção do acontecimento, dando mais visibilidade relativa a uns elementos em detrimento de outros, sugerindo explicações, causas e até avaliações normativas sobre o acontecimento relatado. A inclusão ou a exclusão de determinados detalhes das ocorrências, a consideração do que é relevante ou não na descrição de uma ocorrência depende da classificação ou categorização (CORREIA, 2009, p. 10).

Através da análise elaborada a partir das trinta notícias selecionadas, é inegável que o jornal impresso O Globo tem apresentado avanços temporais na abordagem desse tema. Apesar das notícias iniciais apresentarem ao público textos ainda presos a padrões singulares, atribuições e termos irresponsáveis para tratar do assunto, as publicações mais recentes do veículo tem apresentado em vagarosos passos uma representação mais adequada do assunto, abordando e contextualizando

o público acerca do tema em artigos de opinião, e construindo notícias amparadas por discursos fundamentados por especialistas, proporcionando ao leitor subsídios necessários para fomentar uma reflexão.

## 5 CONCLUSÃO

Com a percepção do poder de persuasão que o jornalismo possui sob as massas, tendo portanto, a capacidade de atuar como mediador de discursos mais humanizados, livres de preconceitos e por consequência corroborar para quebra de padrões historicamente fundamentados no país, levantou-se a hipótese de que os veículos de comunicação na verdade, ainda utilizam esse instrumento para propagar desigualdades.

Assim como apresentado anteriormente no segundo capítulo deste trabalho, o feminicídio se trata de um problema grave e estruturalmente inserido em nossa sociedade, fruto de centenas de anos de dominação de uma cultura patriarcal, infelizmente ainda influente em nossa comunidade atual. No terceiro capítulo apontamos a narrativa como uma ferramenta fundamental para quebra destes padrões, proporcionando aos profissionais do jornalismo e aos consumidores de seus textos uma experiência reflexiva e embasada sobre os temas abordados.

Com o amparo dos materiais selecionados e esboçados no quarto capítulo, fomos capazes de identificar estes padrões estabelecidos na divulgação de notícias, onde foram verificados e destacados semelhanças que proporcionaram uma análise acerca dos métodos narrativos utilizados pelo jornal impresso O Globo, para abordar personagens e cenários envoltos nas tramas dos crimes de feminicídio.

Apesar da hipótese inicialmente levantada ter se mostrado afirmativa, a conclusão que chegamos é que o veículo tem mostrado vagarosos avanços em seu fazer jornalístico. É certo que as notícias sobre feminicídio apresentam baixíssimo prestígio na versão impressa deste jornal, como já citado anteriormente, mas vale ressaltar que foram encontrados números consideráveis de textos opinativos conceituando o público sobre o tema, muitas vezes trazendo gráficos para ilustrar as estatísticas do crime no país, citando políticas públicas e até mesmo ações do movimento feminista, introduzindo e apresentando de forma didática o assunto ao público.

Da mesma forma que a própria sociedade, o jornalismo também está em constante evolução, porém, muito ainda deve ser feito para que mudanças reais sejam notadas no caótico cenário em que nos encontramos atualmente. Em suma, devemos rever conceitos e ações que contribuem para a desigualdade de gêneros e o aumento

da violência praticada contra as mulheres. Nesse sentido, é de fundamental importância que seja dada maior visibilidade aos serviços de apoio referente às violações dos direitos humanos das mulheres. Nós, profissionais da área de comunicação possuímos as ferramentas necessárias para a promoção de um cenário mais justo e igualitário entre os sexos. Cabe a nós sabermos manejá-las.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACERVO, O GLOBO. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com>>

ADICHIE, 2012, p.03

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. Dossiê Femicídio. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/feminicidio/o-dossie/>>.

Angrimani, D. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

ALAMBERT, Zuleika. Feminismo: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel, 1986.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA, **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, Disponível em: <[www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dosjornalistas-brasileiros/](http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/codigo-de-etica-dosjornalistas-brasileiros/)>

BANDEIRA, Lourdes Maria; VIEIRA, Larissa; CAMPOS, Sofia Guimarães. **O enquadramento midiático dos crimes de feminicídio no Brasil: O padrão de reprodução e a invisibilidade de mulheres assassinadas**. 1.ed. Brasília: Femivida, 2017. 15 p.

Bauer, MW; Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis: Vozes; 2002

BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 2ª Ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1967.

BIRD, S Elizabeth; DARDENNE, Robert. Mito, registro e estórias: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e estórias. Florianópolis: Insular, 2016. p. 359- 375

BÍBLIA, 2008, p.1661

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Tradução: Maria Helena Kühner. 11ª edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012

BRASIL. Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015. Tipifica o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm)>.

CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, 1988

CORREIA, João Carlos. Elementos para uma abordagem sociofenomenológica da teoria da notícia. 6º Congresso SOPCOM, Lisboa/Portugal, 2009.

DE OLIVEIRA, Thainá Ribeiro. **MÍDIA E CULPABILIZAÇÃO DA VÍTIMA NOS CASOS DE FEMINICÍDIO: UM ESTUDO DO CASO ELOÁ PIMENTEL.** 1.ed. Salvador: Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, 2018. 86 p.

DORNELES, Larissa Batista. **FEMINICÍDIO E IMPRENSA: UMA ANÁLISE NARRATIVA DA COBERTURA JORNALÍSTICA DE ZERO HORA SOBRE A CHACINA EM CAMPINAS.** 1. ed. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2017. 57 p.

ENGELS, 1884/1964; XAVIER, 1998

FILHO, Adelmo Genro. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre, Tchê, 1987. 230 p. Disponível em: Acesso em: 22 de abril de 2019.

INSTITUTO VERIFICADOR DE COMUNICAÇÃO. Disponível em: <<https://ivcbrasil.org.br>>

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO, Dossiê Femicídio, 2016. Disponível em: <[www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/femicidio/](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/femicidio/)>

KONDER, 2009, p. 158

LAGARDE, Marcela. Antropología, feminismo y política: Violencia feminicida y derechos humanos de las mujeres. IN: BULLEN, Margaret; MINTEGUI, Carmen D. (Orgs.). 2008

Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher [...]; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 08 ago. 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)>

Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 mar. 2015.

MANICUCCI, 2015

Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil, p. 27. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia\\_2015\\_mulheres.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf)>.

MARIANO, Isabella Silva de Freitas. **Feminicídio na imprensa: uma análise do jornal Folha de S. Paulo**. 1.ed. Vitória: Ufes, 2017. 15 p.

MIGUEL E BIROLI, 2010, p.12

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

ONG Think Olga, **Minimanual do Jornalismo Humanizado Pt. I: Violência Contra a Mulher**, 2016, Disponível em: [thinkolga.com](http://thinkolga.com)

ONU. CIDH. Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra Mulher. 1994.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Lei nº 13.104, 2015, Disponível em: [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br)

RADFORD, J.; RUSSELL, D. *Femicide: The politics of woman killing*. Twayne Pub, 1992.

RUSSELL, Diana e CAPUTI, Jane. **Femicide**. 1990. Texto disponível em: <http://www.dianarussell.com/femicide.html>

QUEIROZ, 1999, p.09

SAAD, Maria. A TRAMA DAS MULHERES INVISÍVEIS: ANÁLISE DA ABORDAGEM DE FEMINICÍDIO ÍNTIMO NO JORNALISMO POPULAR. 2018.

SANTOS, Williane; ARAÚJO, Juliana; OLIVEIRA, Linah Farias. **Feminicídio: Uma perspectiva de gênero sobre as mortes violentas de mulheres**. 1. ed. Aracaju: 18ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes, 2016. 4 p.

Silva, LEL; Oliveira, MLC. Características epidemiológicas da violência contra a mulher no Distrito Federal, 2009 a 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ress/v25n2/2237-9622-ress-25-02-00331.pdf>>. A

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99 jul./dez., 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>.

SILVA, Fernando S. da. **Violência e desigualdade Social: desafios para o Serviço Social**. Revista Ser Social, Brasília (DF), n. 19, p. 31- 58, 2006.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; BIONDI, Angie Gomes. **Silêncio visual e gritos verbais nas narrativas jornalísticas do feminicídio**. 1. ed. Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Tuiuti do Paraná. 16 p.

WAISELFISZ, J. Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil. Flacso Brasil, 2015. Disponível em:<<http://www.mapadaviolencia.org.br/>>.

## ANEXOS

# Miss Honduras e irmã são encontradas mortas

Considerado principal suspeito, namorado da mais velha é preso



**Vítima.** María José Alvarado é coroada ao vencer o concurso de Miss Mundo Honduras; jovem participou de competições de tipo desde a infância

**-TEGUCIGALPA-** A representante de Honduras no concurso de Miss Mundo e sua irmã foram encontradas mortas ontem, num novo episódio de violência no país com a maior taxa de homicídio per capita do mundo. Vencedora da disputa nacional da competição de beleza, María José Alvarado, de 19 anos, foi encontrada enterrada ao lado da irmã, Sofia Trinidad, de 23 anos. O namorado de Sofia, Plutarco Ruiz, foi preso como principal suspeito do crime que chocou o país.

Desaparecidas desde quinta-feira, as irmãs foram vistas pela última vez na festa de aniversário de Plutarco, que alugou o parque Balneário Termal Aguagua para a festa. Testemunhas dizem que as duas saíram acompanhadas de três homens da comemoração. Além de Plutarco, Aris Maldonado, um amigo dele, também foi preso. Segundo as investigações preliminares, o namorado teria matado e enterrado as duas nas margens de um rio numa área de mata próxima do parque, que fica na cidade de Arada, no departamento de Santa Bárbara, a 200 quilômetros da capital, Tegucigalpa. Segundo a imprensa local, as duas foram identificadas por "sinais particulares" e as autópsias ainda serão feitas.

Segundo a imprensa hondurenha, Sofia teria discutido com Plutarco porque ela dançara com outro homem na festa. Armado, ele teria atirado, ferindo também María José — que estaria por perto. De acordo com essa versão, do jornal "La Prensa", Plutarco teria tentado levar as

duas a um hospital, mas elas morreram no caminho.

A jovem modelo estava no último ano de computação do Instituto Politécnico do Norte e desde pequena participava de concursos de beleza. Ela tinha viagem marcada para Londres ontem, onde representaria seu país no concurso marcado para começar hoje. A mãe das duas irmãs, Teresa Muñoz, fez uma denúncia do desaparecimento das filhas no sábado. O sumiço gerou temor de sequestro, e houve protestos na cidade pedindo sua libertação.

#### AUMENTA ASSASSINATO DE MULHERES

A organização do concurso de Miss Mundo lamentou a morte da jovem.

— Estamos arrasados com essa perda trágica de duas jovens cheias de vida. Nossos pensamentos e orações estão com a família e os amigos — disse Julia Morley, presidente da competição.

No domingo, o evento fará um tributo em memória a María José e também reunirá fundos para as crianças de Honduras, segundo Morley. Antes de ser miss Mundo Honduras, María José já era conhecida por sua participação no programa de maior audiência de Honduras, o X-0, apresentado pelo ex-candidato à Presidência Salvador Nasralla.

O chefe da polícia investigativa de Honduras, Leandro Osorio, afirmou ter "100% de certeza" de que os dois corpos são das jovens.

— Temos o autor material desse feito abominável, que é Plutarco Ruiz. En-

contramos a arma do crime e o veículo que utilizaram para trasladar as duas — disse o investigador.

Segundo o policial, outras pessoas participaram do crime e há sinais de que tentaram limpar a cena do crime.

Honduras, é dominada pelo narcotráfico e registrou uma taxa de homicídios de 90,4 para cada cem mil habitantes em 2012, segundo dados da ONU, os últimos disponíveis.

Para Arabeska Sánchez, do Observatório de Violência da Universidade Nacional, em Tegucigalpa, o episódio envolvendo a Miss Honduras e sua irmã têm características de crime organizado.

— Apenas membros do crime organizado alugam um negócio como esse balneário, o fecham para manter controle e até expulsam os guardas — diz ela sobre a área de uso recreativo onde as duas foram vistas pela última vez.

O casal dono do balneário, Ventura Díaz Ponce e Elizabeth, a filha deles, Gilma Nicole, também foram detidos suspeitos de encobrir o crime. O lugar foi fechado.

A especialista lembra que esses crimes são comuns no país.

— Dessa vez o caso transcende porque tem um impacto internacional.

O presidente do Comitê de Defesa dos Direitos Humanos, uma organização do governo, Andrés Pavón, afirma que os homicídios diminuíram em 10% neste ano, mas que os assassinatos de mulheres aumentaram. Segundo Pavón, 96% dos crimes do país terminam sem punição. ●

# Homem mata a mulher e a filha e tenta se suicidar

O italiano Enrico Telece, de 58 anos, matou a tiros a mulher e a filha, no fim da tarde de ontem, na Favela do Jacarezinho. Após cometer o crime, Telece, que vive no país há mais de 40 anos, tentou se matar. Alertados por vizinhos, policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) do Jacaré levaram o estrangeiro sob custódia ao Hospital Souza Aguiar.

Agentes da Divisão de Homicídios (DH) realizaram perícia no imóvel do casal. A mulher do estrangeiro, Denise de Almeida Ro-

drigues, de 29 anos, e a filha, Marina Telece, de 3 anos, foram baleadas a curta distância. Segundo relatos de vizinhos, os disparos foram ouvidos logo após uma briga do casal. A polícia investiga a hipótese de crime passionai. Enrico foi operado na noite de ontem, e seu estado era grave.

Na casa do estrangeiro, policiais da DH encontraram uma pistola usada no crime, mas também descobriram registros de outras armas em nome de Telece, que seria colecionador. ●

## Estudante é morta a tiros em escola de GO

**Autor do crime fez mais de dez disparos no rosto da vítima, que não queria aproximação**

LOUISE QUEIROGA  
louise.queiroga@extra.inf.br

A estudante Raphaella Noviski, de 16 anos, foi morta com mais de dez tiros no rosto dentro do Colégio Estadual 13 de Maio, em Alexânia, Goiás, por volta das 8h15m de ontem. O autor do crime, Misael Pereira de Olair, de 19 anos, foi preso em flagrante. A polícia trata o assassinato como um crime passionai, e o jovem responderá por feminicídio. A motivação para o crime teve origem na negação da ado-



**VÍDEO: JOVEM DIZ NÃO SE ARREPENDER**  
Misael disse que comprou arma há 3 meses  
[glo.bo/2znMJUM](https://glo.bo/2znMJUM)

lescente em ter um relacionamento amoroso com Misael, que planejou o crime durante um ano.

Responsável pela investigação, a delegada Rafaela Azzi afirmou que Misael entrou no prédio e foi ao encontro da vítima com um revólver calibre 32 para fazer os disparos. Ele também tinha uma faca, do tipo de pescador, e usava uma máscara que cobria seu rosto. Misael é ex-aluno da escola e não tem passagens pela polícia. Rafaela disse que o atirador não demonstrou arrependimento.

— O jovem entrou primeiro numa sala de aula, onde não a encontrou, e foi para outra. Todos os disparos foram direcionados ao rosto dela, 11 tiros. Tudo indica que foi um crime passionai. Ele foi autuado em flagrante e foi levado preso para delegacia — afirmou Rafaela. — Na delegacia, ele disse que tentou presentear a vítima no ano passado, mas não conse-



**Crime.** Raphaella, que foi morta em sala: na delegacia, atirador não demonstrou arrependimento

guiu. Não sabemos se foi porque ela não quis ou se ele desistiu. O Instituto Médico-Legal ainda não soube dizer com precisão quantos disparos foram efetuados.

Segundo a delegada, o jovem pretendia se matar com chumbinho que trazia na

mochila. Amigo da família, Davi José de Souza, de 49 anos, aguardou Misael em frente à escola, com a intenção de lhe dar uma carona, e pode ser autuado por participação no homicídio.

— O jovem não se indispôs com mais ninguém. Ele não conversou com ninguém. Encontrou a moça, efetuou vários disparos e recarregou a arma. Depois pediu carona para esse amigo dele — afirmou a delegada.

### VIZINHOS DE BAIRRO

O atirador disse que não teve um relacionamento amoroso com a vítima, apenas tentou dar um presente a ela.

— Eles moravam no mesmo bairro. Ela era conhecida de vista, e ele a adicionou no Facebook, tentou se aproximar, mas ela recusou. A cada recusa, ele tinha mais raiva, então o amor se tornou ódio e, há um ano, premeditou matá-la. Foi o tempo para juntar R\$ 2,3 mil para comprar

revólver e munição — disse a delegada.

O assassinato de uma mulher é considerado feminicídio quando a vítima é morta por ser mulher. Como, por exemplo, quando um homem mata uma ex-namorada por ciúmes ou após ser rejei-

tado. A tipificação de feminicídio entrou para a legislação brasileira em 2015.

O presidente do grêmio do Colégio 13 de Maio, André Pereira, publicou uma nota de pesar no Facebook, lamentando a morte: "Nestas horas não há nenhuma palavra que possa ser dita que seja capaz de confortar os nossos corações. Tudo parece perder o sentido e ficar pequeno diante de tamanho sofrimento", escreveu. "Que esse crime bárbaro seja punido".

Sobre o suposto cúmplice de Misael, a delegada disse que ele aguardou o atirador efetuar os disparos para lhe dar carona, mesmo observando o pânico de crianças que deixavam o colégio. Em depoimento, Davi alegou não conhecer esses fatos. A delegada vai buscar imagens de câmeras de segurança.

— Ele ficou vendo as crianças correndo, mas permaneceu no local para oferecer a carona da fuga. Isso mostra participação no crime — disse a delegada. ●

## Femicídio

O TJ do Rio condenou mais um homem pelo assassinato de sua esposa. Nayron Vilar da Silva foi sentenciado a 17 anos e seis meses de prisão por ter asfixiado a mulher numa briga motivada por ciúmes.

Em 2016, depois de matá-la, ele escondeu o corpo debaixo da cama por 12 dias, até ser preso. Em depoimento, o réu fez comentários machistas, deixando, claramente, que se tratava de femicídio.

## Maria da Penha

Hoje, dia seguinte do aniversário de 11 anos da Lei Maria da Penha, a 4ª Câmara Criminal do Rio julgará o recurso de mais um caso chocante de femicídio: Michele Ferreira Ventura, de 30 anos, foi assassinada em 2016 a pauladas após reagir a cantadas diárias que recebia de seu vizinho, Leonardo Bretas Mendes.

## Funkeira sofre tentativa de homicídio depois de festa na Barra

**Samantha Miranda foi surpreendida por tiros ao sair do evento e suspeita do ex-marido**

ADALBERTO NETO E REGIANE JESUS  
granderio@eglobo.com.br

A manhã deste sábado começou agitada na Barra da Tijuca, ao fim da festa Rooftop, no Hotel Grand Mercure, na Avenida Salvador Allende. Por volta das 7h, a funkeira Samantha Miranda, que tinha ido curtir o evento de música eletrônica com o marido, Marcelo Diotti da Mata, seguia para o estacionamento do local quando foi surpreendida por “um homem pardo, de casaco branco” — conforme descreveu em depoimento na 16ª DP (Barra da Tijuca) —, que

disparou vários tiros em sua direção e, em seguida, correu para um Voyage preto, parado a poucos metros. O casal, entretanto, não foi atingido.

— Tinha acabado de tocar na festa e estava indo embora, quando vi essa cena. Fui correndo socorrer a Samantha, que caiu atrás do carro onde se protegia, mas estava tudo bem com ela. Acredito que o bandido tenha ido embora, achando que tinha atingido a vítima. O marido, que se escondeu atrás do caminhão de serviços da festa, também não sofreu com os tiros — contou o DJ Guilherme Scarletelli.

### DISPAROS FEITOS A CINCO METROS

Na delegacia, Samantha disse que os disparos foram feitos a uma distância de aproximadamente cinco metros. A funkeira acredita que o bandido que tentou matá-la tenha sido contratado pelo ex-marido Cristiano Girão, que,



Casal. Samantha e o atual marido

segundo a cantora, quer se vingar do processo que move contra ele na Justiça, com pedido de pensão alimentícia. Samantha também informou que, no último dia 21, por volta das 22h, recebeu uma ligação do ex-marido, que teria dito que a filha que eles têm juntos iria “ficar sem pai ou mãe”.

### PASSAGENS PELA POLÍCIA

No depoimento da cantora à polícia, a que O GLOBO teve acesso, Samantha também sugere que o crime possa ter origem passional. No registro, ela descreveu mais detalhes da conversa que teve com o ex-marido ao telefone: “Estou sem dormir. Acordo e penso em você, e isso não é bom. Você não me conhece. Se me conhecesse de verdade, não estaria fazendo isso”, ele teria dito para ela.

Ex-vereador, Girão já teve 13 passagens pela polícia por furto, crime

eleitoral, corrupção, lesão corporal, ameaça e homicídio, entre outros. Ele foi acusado de chefiar a milícia da Gardênia Azul. Girão não foi localizado para comentar a denúncia da ex-mulher. Por sua vez, Samantha, que no clipe da música “Eu quero é farra”, no YouTube, usa o sobrenome do ex, tem três passagens na polícia por formação de quadrilha. E o atual marido da funkeira, Marcelo Diotti da Mata, já foi preso por homicídio e envolvimento com máquinas caça-níqueis.

De acordo com informações passadas por agentes da 16ª DP, uma perícia foi solicitada para o local. Além disso, policiais da unidade buscam imagens de câmeras nas proximidades que possam ter registros do crime. O caso foi encaminhado à 42ª DP (Recreio dos Bandeirantes), que é responsável por área. ●

# Mulher é morta com duas facadas por ex-marido

Vanclécio Cordeiro não se conformava com a separação e atacou Fernanda Siqueira na porta da casa onde os dois tinham morado juntos, em Vicente de Carvalho. A jovem de 29 anos é o 54º caso de feminicídio desde janeiro

PEDRO ZUAZO  
pedro.zuazo@estradainfo.br

Estudante de Nutrição, Fernanda de Souza Siqueira fazia estágio num hortifruti quando conheceu Vanclécio Cordeiro, funcionário do estabelecimento. Os dois começaram a namorar e se casaram em 2015, mas o relacionamento não deu certo. Cansada das sucessivas crises de ciúmes do marido, a jovem de 29 anos pediu a separação há cerca de três meses. Mas Vanclécio não se conformou. No domingo, atacou Fernanda a facadas diante da casa que dividiram, em Vicente de Carvalho, transformando-a em mais uma vítima



Fim trágico. Fernanda e Vanclécio: brigas por ciúmes eram constantes

de feminicídio no Rio — a 54ª desde o início do ano.

Fernanda tinha ido até o imóvel, a pedido do ex-marido, para devolver as chaves da casa. Assim que a viu, Vanclécio, de 28 anos, puxou uma faca, com uma lâmina de cerca de 20 centímetros, e atingiu a ex-mulher no pescoço e no tórax. Em seguida, fugiu de carro, que abandonou ao colidir

numa estação de BRT. Após o acidente, escapou a pé. Fernanda chegou a ser socorrida, mas morreu no Hospital Getúlio Vargas. O corpo será enterrado hoje.

A Justiça decretou ontem a prisão temporária de Vanclécio. O Disque-Denúncia oferece uma recompensa de R\$ 2 mil a quem der informações que levem o criminoso à prisão.

Ontem, duas testemunhas prestaram depoimento à polícia e contaram que os desentendimentos entre Vanclécio e a ex-mulher eram constantes. Durante a briga que acabou levando à separação, ele quebrou o vidro do

banheiro com um carregador de celular. Segundo pessoas próximas, Vanclécio ficou mais agressivo após ingerir bebidas alcoólicas, mas nunca havia agredido fisicamente Fernanda.

Para a delegada Débora Rodrigues, titular da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) do Centro do Rio, é preciso investir em políticas públicas para evitar mais vítimas de feminicídio, como Fernanda.

— É preciso que a mulher vítima de violência doméstica seja amparada, seja acolhida na primeira vez que for à delegacia. E não só na delegacia, mas nas

demais instituições. A polícia é a porta de entrada, mas essa vítima precisa de atendimentos psicológico e jurídico — diz.

Na Justiça do Rio, foram julgados 89 novos processos de feminicídio no ano passado. Este ano, foram 63 até setembro. Segundo a juíza Katerine Jatahy, muitos casos passam a ser tratados como feminicídio em um segundo momento:

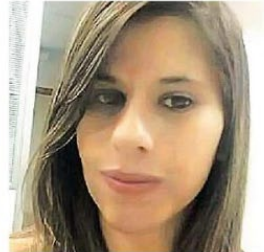
— Um dos gargalos é o registro na delegacia. Em alguns casos, a violência não é registrada como feminicídio, e, às vezes, no processo se percebe que a tipificação na delegacia ocorreu de forma errada.

## Encontrada seminua, com cortes no pescoço



Kimberly Natali Cordeiro, de 23 anos, foi encontrada morta nos fundos de uma empresa em Curitiba, no domingo, após a denúncia de um morador. Kimberly estava seminua e tinha sinais de violência cometidos recentemente, com cortes de faca no pescoço. A Delegacia de Homicídios está investigando o caso.

## Facadas no peito e nas costas



A funcionária terceirizada do Ministério dos Direitos Humanos Janaína Romão, de 30 anos, foi assassinada a facadas pelo ex-marido, Stefano Jesus de Amorim, de 21 anos. Os dois tinham duas filhas. Janaína foi golpeada cinco vezes, no peito e nas costas. O crime ocorreu em 14 de julho em Santa Maria, Distrito Federal.

## Violência seguida por 'queda' da janela



Era madrugada do dia 22 de julho quando Tatiane Spitzner, de 29 anos, e seu marido, Luis Felipe Mainvailer, 32 anos, chegaram ao prédio onde moravam, em Guarapuava, no Paraná. Após agressões à vítima registradas por câmeras de segurança, Tatiane despencou de uma janela no 4º andar. Mainvailer está preso preventivamente.

## Grávida asfixiada na frente do filho



Anderson da Silva, 28 anos, confessou ter matado Simone da Silva de Souza, 25, por causa de ciúmes, na segunda-feira. O pintor se entregou à polícia dizendo-se arrependido por asfixiar Simone, que estava grávida. O assassinato ocorreu na casa da família, no Complexo do Alemão, na frente do filho de três anos do casal.

## FEMINICÍDIO NA BARRA

# POR TRÁS DE MORTE, CIÚME DOENTIO

## Ex-marido de corretora é suspeito de ser o mandante do crime

RICARDO RIGEL  
ricardo\_rigel@extra.net

Um marido que não aceitava o fim do casamento e não suportava ver a felicidade da ex-mulher, que estava há quatro meses morando com um novo companheiro, pode estar por trás do assassinato da corretora de imóveis Karina Garofalo, de 44 anos, morta antontem a tiros na Barra, diante do filho de 11 anos. Segundo a polícia, Pedro Paulo Barros Pereira, com quem a vítima brigava na Justiça por bens que ultrapassavam R\$ 3 milhões, é suspeito de ter sido o mandante do crime. Ele teve a prisão temporária decretada pela Justiça e está sendo procurado no Rio e em Volta Redonda, onde mora. De acordo com as investigações da Delegacia de Homicídios da Capital (DH), Karina teria sido executada por Paulo Maurício Barros Pereira, primo do seu ex-marido. Contra ele, há também um mandado de prisão.

A polícia suspeita que, além de mandar matar a ex-mulher, Pedro Paulo possa ter comandado de perto a execução. Câmeras de segurança de um shopping onde Karina estava com o filho, momentos antes de ser assassinada, flagraram Paulo Maurício entrando de carro no estabelecimento comercial. Logo em seguida, um homem de moto, que o delegado André Barbosa, da Delegacia de Homicídios da Capital, desconfia ser Pedro Paulo, passou pela cancela. Os dois homens conversaram no estacionamento e, quando Karina saiu, o motociclista e Paulo Maurício foram atrás. Poucos metros adiante, o assassino parou o carro na Avenida Malibu, cruzou a rua a pé, e dispa-

rou contra a vítima.

A filha mais velha de Karina e Pedro Paulo, de 19 anos, já identificou a moto que entrou no shopping como sendo de seu pai. Se as imagens não tivessem sido gravadas, a polícia teria ainda outro elemento para incriminar a dupla. Principal testemunha do crime, o filho do casal não titubeou em apontar o primo do pai como o assassino. Em depoimento que deixou o delegado André Barbosa chocado, a criança contou que o matador usou uma pistola com silenciador — igual àquelas que ele costumava ver em videogames —, e afirmou, aos gritos:

— Papai mandou matar a mamãe.

Para a defensora pública Leticia Furtado, a execução de Karina se enquadra, claramente, na Lei do Feminicídio: — Mesmo separados, ele entendeu que ela não poderia estar envolvida com outra pessoa. Situações como disputa por patrimônio só são um elemento a mais.

Para o delegado André Barbosa, também não há dúvidas de que o crime é mais um a engrossar as estatísticas de

### 49

processos

Número de ações por feminicídio que deram entrada no Tribunal de Justiça do Rio entre janeiro e julho de 2018

### 51

ações

Quantidade de casos que chegaram ao Tribunal de Justiça entre janeiro e julho de 2017

## MEMÓRIA

### Após discussão, estudante de medicina espancou até a morte namorada

Em abril deste ano, a jovem Patricia Mitie Koike, de 22 anos, foi morta pelo namorado, o estudante do 3º período de medicina Altamiro Lopes dos Santos Neto, de 21, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Policiais do 20º Batalhão (Mesquita) foram alertados por pessoas que desconfiaram da atitude do rapaz. Testemunhas disse-

ram que ele estava num carro perto de um posto de combustíveis com uma mulher, que estaria bastante ferida e desacordada.

O estudante tentou escapar, mas foi preso na Rua Dr. Barros Júnior. Segundo a polícia, primeiro Altamiro afirmou que estava tentando socorrer a namorada. Em seguida, confessou que bri-

gou com ela e a espancou até a morte. Na ocasião, a Polícia Civil afirmou ter encontrado indícios de que, quando foi localizada, Patricia já estava morta havia muitas horas.

Na delegacia, o estudante contou que as agressões começaram durante uma discussão. Altamiro e Patricia se conheciam desde o ensino médio e moravam juntos havia um ano e meio. No mês anterior, Katyara Pereira da Silva, de 31 anos, foi encontrada morta dentro de casa, em Berlford Roxo, com um saco plástico na boca. Ela estava grávida de cinco meses do ex-namora-

## BRIGAS NOS ÚLTIMOS MESES

Durante depoimento à polícia, o atual companheiro de Karina, empresário no setor de produtos de limpeza, disse que Pedro e a ex-mulher estavam se desentendendo muito nos últimos meses: — Eram discussões ríspidas. Mas ela nunca chegou a fazer nenhum registro policial sobre essas brigas.

Um morador de Volta Redonda que conhece Pedro Paulo e sua família contou ontem ao GLOBO que ele demonstrava ódio quando falava de Karina:

— Ele reclamava que ela estava ferrando com a vida dele, devido ao processo de separação litigiosa.

Inconformado com o novo relacionamento de Karina, Pedro Paulo teria pedido a Paulo Maurício para abandonar o carro usado no crime diante do prédio do companheiro da ex-mulher. Em 2014, Paulo Maurício foi preso, suspeito de uma tentativa de homicídio em Barra Mansa. Em outubro de 2013, ele teria baleado um jovem durante uma discussão, por ciúmes da namorada.



Flagrante. Suspeito de atirar em Karina, Paulo Maurício Pereira entra em shopping onde ela estava antes de ser morta



Procurado. Pedro Paulo, ex-marido da vítima: briga por ciúmes e por bens



Sem defesa. Karina Garofalo: mulher foi morta na frente do filho de 11 anos



Patricia Koike. Jovem foi assassinada pelo namorado, estudante de medicina



“Papai mandou matar a mamãe”

X., de 11 anos, filho de Karina e Pedro Paulo, e principal testemunha do crime

“Ela estava morando junto com o novo companheiro há cerca de 4 meses, e a felicidade da mulher pode ter provocado ira do ex-marido. O crime guarda todos os qualificadores de um feminicídio. E as investigações apontam para um homicídio triplamente qualificado: por ser mulher, motivo torpe e sem possibilidade de defesa”

André Barbosa, delegado da Delegacia de Homicídios

“Eram discussões ríspidas, mas ela nunca chegou a fazer nenhum registro policial sobre essas brigas”

Y., atual companheiro de Karina Garofalo

do, Matheus Almeida da Silva, de 23, que confessou ter sufocado a mulher durante uma discussão para que ela parasse de gritar. Katyara tinha mais duas filhas, uma de 14 e outra de 2 anos, que também é filha de Matheus.

Em fevereiro, Natasha Conceição Fonseca da Silva, de 24 anos, foi assassinada a tiros em casa, em Jacarepaguá. O principal suspeito do crime era o ex-namorado Rodrigo Bessa Paixão. O casal estava separado há três meses. Natasha chegou a prestar queixa contra ele duas vezes e conseguiu na Justiça uma medida protetiva.



**DANDARA HELENA DAMASCENO**  
**JOVEM BALEADA NA CABEÇA FOI**  
**SUBMETIDA À CESARIANA**

**MARCOS NUNES**  
 jnunes@extra.inf.br

Na manhã de ontem, na Vila Vintém, em Padre Miguel, na Zona Oeste, a jovem de 21 anos, com uma barriga entre seis e sete meses de gravidez, foi atingida por um tiro no rosto. O drama de Dandara Helena Damasceno e, de seu filho, estava apenas começando. Uma grande correria teve início para levá-la ainda com vida até o Hospital Albert Schweitzer, em Realengo, a cinco minutos do local do crime. Ela não resistiu. Mas os médicos ouviram o coração do bebê bater e apostaram numa cesariana de emergência. O menino de 900 gramas está ligado a aparelhos e luta pela vida.

Além do esforço para realizar a intervenção arriscada, a equipe médica do hospital ficou impactada pela história da jovem. O diretor da maternidade, Juciney Pacheco, explicou que a criança tem chance de sobreviver, mas que tudo depende de como reagirá nas próximas 48 horas.

— Ele respira com ajuda de aparelhos. Há necessidade de se fazer uma estabilização do quadro médico. Qualquer prognóstico agora é precoce. As próximas 48 horas serão

muito importantes — disse o médico.

Muitas vezes, a violência da cidade cruzou o caminho de Juciney. Recentemente, ele fez parte da equipe que ajudou a salvar outro bebê, Antônio. O garoto é filho de Michelle Ramos, baleada durante um assalto em Belford Roxo. Ela também foi baleada na cabeça, mas milagrosamente sobreviveu, sem qualquer seqüela, para cuidar de seu Antônio.

**SUSPEITA DE FEMINICÍDIO**

A polícia suspeita que a morte de Dandara é caso de feminicídio. De acordo com o 14º BPM (Bangu), uma equipe do batalhão foi informada de que a jovem havia sido ferida em casa, na Rua Mesquita, na comunidade Vila Vintém, por volta das 8h30m. Os policiais militares foram acionados pelo próprio hospital.

O caso será investigado pela Delegacia de Homicídios (DH) da Capital. A PM informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que não havia operação policial na Vila Vintém no momento em que Dandara foi atingida, o que descartaria a hipótese de baleada perdida.



**KATYARA PEREIRA DA SILVA**  
**BRUTALIDADE NA MORTE**  
**DE MÃE E FILHO**

**CAROLINA HERINGER**  
 carolina.heringer@extra.inf.br

Katyara Pereira da Silva, de 31 anos, estava grávida de cinco meses. Moradora de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, ela foi encontrada morta dentro de sua casa, na manhã de ontem. A mulher estava caída no chão da sala, com um saco plástico dentro da boca. O principal suspeito do crime é Matheus Almeida da Silva, de 23 anos, ex-marido da vítima. Na noite de ontem, ele estava sendo procurado por agentes da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense, responsável por investigar o caso.

De acordo com a Polícia Civil, há informações de que Matheus se encontrou com a ex-companheira pouco antes do crime. Os agentes tentavam prendê-lo em flagrante. Ainda não há confirmação se o suspeito é o pai da criança que a vítima esperava. O bebê também não resistiu.

O corpo de Katyara foi encontrado dentro de casa pelo ex-sogro, pai de Matheus, que mora na vizinhança. Segundo informações da polícia, o homem foi chamado por um vizinho da grávida, que relatou ter ouvido um

pedido de socorro por volta das 6h. Ele chegou a se aproximar da casa, mas, como não ouviu mais qualquer barulho, desistiu de chamar. Uma hora depois, o vizinho viu a porta da casa de Katyara aberta e resolveu acionar o ex-sogro. A mulher chegou a ser levada para o Hospital Moacyr do Carmo, em Duque de Caxias, também na Baixada, mas já não havia mais tempo para salvá-la.

Na casa da vítima, a polícia encontrou marcas de sangue no chão e num pano branco, que estava sobre o sofá. As duas filhas da mulher estavam em casa no momento em que a mãe foi morta. A grávida tinha lesões na boca, no supercílio e na axila direita.

No Facebook, parentes de Katyara compartilharam relatos revoltados com a brutalidade da morte da jovem. Segundo as postagens, ela teria sido espancada. “É muita violência nos últimos tempos. Só Jesus. Já estamos em oração por todos”, postou um amigo. “Meu Deus, cadê o amor? Duas vidas. Vai em paz, minha linda. Já estou com saudades”, escreveu outra amiga.

# Mulher leva cinco tiros dentro de casa, no Catete

Polícia Civil trata o caso como tentativa de feminicídio, e marido, que está em liberdade condicional, é considerado o principal suspeito. Ele desapareceu após o crime, que ocorreu na comunidade Tavares Bastos

DAYANA RESENDE  
dayana.resende@iglobot.com.br

Uma mulher foi baleada na noite de anteontem dentro de casa, na comunidade Tavares Bastos, no Catete — investigadores da Polícia Civil vêm tratando o caso como tentativa de feminicídio. Noemi Francisca Eugster, de 37 anos, levou cinco tiros, e o principal suspeito do

ataque é o marido dela, que desapareceu logo depois do crime.

A vítima foi levada para o Hospital Municipal Souza Aguiar, no Centro, onde passou por cirurgias. Um boletim médico divulgado ontem classificava como grave o seu estado de saúde.

Noemi, de acordo com informações levantadas pela polícia nas primeiras

horas depois do crime, tem dupla cidadania, brasileira e suíça. Ela levou tiros no peito, na barriga e num braço. “A paciente sofreu múltiplas lesões, passou por cirurgias e está com quadro bem grave, no CTI”, diz uma nota da Secretaria municipal de Saúde.

A motivação do ataque é desconhecida, mas investigadores disseram que o



Vítima. Noemi tem dupla cidadania

marido dela tem antecedentes criminais e cumpre pena em liberdade condicional, com monitoramento por meio de tornozeleira eletrônica. A Polícia Civil, no entanto, não divulgou o nome do acusado nem os tipos de delitos que ele praticou. Até ontem pela manhã, não havia sido solicitado ao Tribunal de Justiça nenhum mandado de prisão

referente ao caso.

O Corpo de Bombeiros informou que uma ambulância do Samu socorreu Noemi às 19h40m de terça-feira. O caso foi registrado na 9ª DP (Catete). Nas redes sociais, amigos da vítima pediram uma corrente de orações e doações de sangue, que podem ser feitas no Hemório, na Rua Frei Caneca 8, no Centro.

# Jovem de 19 anos é estrangulada por namorado

Avó do acusado tentou pedir ajuda para impedir o assassinato, mas acabou sendo atropelada, sofrendo fratura de fêmur. Na Delegacia de Homicídios, ele confessou ter apertado o pescoço da vítima até ela desmaiar

LOUISE QUEIROGA  
louise.queiroga@netra.inf.br

Mais um caso de feminicídio foi registrado no Rio. Bruna de Souza Oliveira, de 19 anos, foi estrangulada no último domingo pelo namorado na casa onde o casal morava, na Taquara. Segundo a Polícia Civil, Victor dos Santos Lima, de 32 anos, come-

teu o crime durante uma discussão “por motivo fútil”. A avó do acusado tentou impedir o neto, mas ele conseguiu se esquivar. Idenir Figueira da Silva, de 74 anos, então, saiu de casa para pedir ajuda e acabou sendo atropelada. Com o fêmur quebrado, ela foi levada para o Hospital Salgado Filho.

Crime aconteceu no mes-

mo dia em que Fernanda de Souza Siqueira, de 29 anos, morreu esfaqueada pelo ex-marido Vanclécio Cordeiro, de 28 anos, em Vicente de Carvalho. Ele acabou sendo preso na última terça-feira por parentes da vítima que estavam indo para o enterro. De acordo com o Instituto de Segurança Pública (ISP), foram registrados 54 casos de

feminicídio de janeiro a outubro deste ano no estado.

Na Delegacia de Homicídios da Capital, Victor contou ter apertado o pescoço da vítima com as mãos, largando-a, em seguida, sobre o sofá, já desmaiada. Antes, no entanto, ele havia dito que a namorada tinha sofrido convulsões, mas os policiais desconfiaram da versão.



Feminicídio. Bruna de Souza Oliveira, de 19 anos: morta pelo namorado após discussão por “motivo fútil”, segundo a Polícia Civil

# FEMINICÍDIO RESOLVIDO EM FAMÍLIA

## A caminho de enterro, primos de vítima localizam e prendem o assassino

GUSTAVO GOULART E  
ELENICE BOTTARI  
grandestell@globocom.br

Os irmãos Orlando e Ronaldo Nunes estavam ontem a caminho do enterro da prima, Fernanda Siqueira, morta a facadas pelo ex-marido, no domingo, quando a dor deu lugar à surpresa. Quando passavam pela Rua Guirareia, no bairro Colégio, os dois avistaram o assassino. De bermuda e camiseta, Vanclécio Cordeiro caminhava tranquilamente a menos de dois quilômetros do local onde tirara, 48 horas antes, a vida da ex-mulher, a 54ª vítima de feminicídio no Rio este ano. Diante da cena, Orlando e Ronaldo, militares do Exército e da Marinha, não pestanejaram. Sairam correndo do carro e, depois de uma perseguição pelas ruas da região, conseguiram imobilizar e prender o criminoso, procurado pela polícia.

Para deter Vanclécio, Orlando e Ronaldo tiveram a ajuda de pedestres, que se mobilizaram assim que ouviram o alerta dos primos da vítima, que gritavam "pega, pega, assassino". O criminoso correu por diversas ruas até que entrou numa via sem saída. Foi nela que o primeiro-sargento Orlando o encontrou, escondido debaixo de um carro. Vanclécio não reagiu ao ser imobilizado pelo militar, que acionou a polícia logo em seguida. Correndo o risco de se atrasar para o sepulta-

mento de Fernanda, Orlando ficou no local até ver Vanclécio entrar num camburão — e não foi apenas para ter a certeza de que ele não escaparia. Também tentava evitar um linchamento.

— É até difícil explicar o que passou pela minha cabeça quando eu vi o Vanclécio andando pela rua. Meu irmão jogou o carro na calçada e corri com meu filho atrás dele, que ainda tentou se esconder debaixo de um carro. Quando conseguimos prendê-lo, foi se formando uma multidão ao redor. Alguém disse 'vamos resolver aqui mesmo'. Vontade até dá, mas não é a coisa certa a se fazer. Ele vai pagar na Justiça pelo que fez à nossa prima — defendeu Orlando.

### MOVIDO POR CIÚMES

O primo de Fernanda trocou algumas palavras com o assassino. Segundo Orlando, Vanclécio queria saber o estado de saúde da ex-mulher, que ele esfaqueou no tórax e no pescoço, na porta da casa, em Vicente de Carvalho, onde moraram juntos até Fernanda pedir a separação, há cerca de três meses. Para atrair Fernanda até o local, ele disse que precisava que ela devolvesse as chaves do imóvel:

— Ele me perguntou como estava Fernanda, e disse que não queria ter feito aquilo. Eu respondi que es-



*"Quando conseguimos prendê-lo, foi se formando uma multidão ao redor. Alguém disse 'vamos resolver aqui mesmo'."*

*Vontade até dá, mas não é a coisa certa a se fazer. Ele vai pagar na Justiça pelo que fez à nossa prima"*

**Orlando Nunes, sargento que prendeu o assassino**

távamos indo ao sepultamento dela. É um alívio, um alento para a família, saber que ele está preso e vai responder pelo que fez.

Após matar a ex-mulher, Vanclécio fugiu de carro, que abandonou após bater numa estação de BRT. Ontem, ele contou que, depois do crime, caminhou a pé até um viaduto do metrô em Colégio, onde passou a noite. No local, ele foi alimentado por moradores de rua.

À tarde, Vanclécio prestou depoimento na Delegacia de Homicídios. Segundo o delegado Luis Otávio Franco, que está à frente da investigação, ele teve a prisão temporária decretada, uma vez que já não poderia mais ser preso em flagrante. Funcionário de um hortifrutti, Vanclécio irá responder por homicídio triplamente qua-



**Fim de linha.** Vanclécio é preso após ser detido por primos da vítima: ele confessou ter matado ex-mulher por ciúmes



**Dor.** Os pais de Fernanda, atacada a facadas, choram durante sepultamento

lificado, cuja pena poderá exceder 30 anos.

— Ele cometeu um feminicídio, agiu por motivo torpe, justificando que matou por ciúmes, e não deu à vítima qualquer chance de defesa — explicou o delegado, que aguarda a conclusão dos

laudos da perícia para encaminhar o caso à Justiça.

Vanclécio confessou o crime e contou ter sido movido por ciúmes. Segundo parentes de Fernanda, ele não se conformava com a separação. No dia da briga que deu fim à união, chegou a que-

brar um vidro do banheiro do casal ao jogar longe um carregador de celular. Apesar dos constantes destemperedos e agressões verbais, Vanclécio nunca tinha agredido Fernanda fisicamente.

A jovem de 29 anos foi sepultada ontem no Cemitério Jardim da Saudade, em Sulacap. Orlando e Ronaldo chegaram a tempo da despedida e ajudaram a amparar os pais de Fernanda, Walter e Janete, que não conseguiram caminhar para ver o sepultamento do corpo da filha. A tia da vítima, Jane de Souza, que presenciou o crime, também estava no enterro, que reuniu cerca de 300 pessoas. E disse que, em meio à dor, a família espera por Justiça:

— Agora temos que seguir em frente, botar nos braços de Deus. Estamos felizes por ele ter sido preso.

*Colaborou Célia Costa*

## Porteiro que esfaqueou mulher já havia agredido a vítima antes

**Vendedora denunciou marido em 2012, mas não levou caso adiante**

MAURÍCIO FERRO  
mauricioferro@oglobo.com.br

O porteiro Jonny Neves dos Santos, de 32 anos, que esfaqueou recentemente a mulher, a vendedora Andreza da Silva dos Santos, de 26 anos, dentro de um shopping na Tijuca, tem um histórico de violência doméstica. De acordo com depoimentos de parentes da vítima, as agressões eram constantes. Em 2012, Andreza

chegou a denunciá-lo à polícia por ameaça, mas acabou não levando o caso adiante. Ela faltou às audiências sobre o caso. Jonny tem outras duas anotações criminais, cujo teor não foi revelado pela polícia.

Jonny e Andreza moravam juntos há 12 anos e têm duas filhas, uma de 4 anos e outra de 8. De acordo com a delegada Cristiana Bento, da 19ª DP, onde o caso foi registrado, Jonny não se conformou com o término do relacionamento com a mulher. Na noite de quinta-feira, ele foi até o shopping onde Andreza trabalhava como vendedora e, após chamá-la para conversar no corredor, a atacou. Imagens das câmeras de

segurança do Shopping 45, na Praça Saens Peña, mostram o homem golpeando a vítima diversas vezes. Nas cenas, é possível ainda ver ainda clientes e seguranças do estabelecimento comercial tentando conter o agressor. Mesmo atingido por um banco de madeira e lixeiras, ele continuou esfaqueando a vítima, caída no chão, e só parou quando um extintor de incêndio foi acionado na direção dele.

— Esse fato comprova que a mulher tem sempre que denunciar. Soubemos por familiares que ela era sempre agredida, mas tinha medo de ir em frente por causa dos filhos. Ele começou com ameaças até

chegar à agressão — disse a delegada, que ouviu até agora três parentes, uma testemunha e um policial que levou o agressor, baleado na perna quando tentava fugir do shopping, para o Hospital municipal Souza Aguiar, a mesma unidade onde Andreza está internada em estado grave.

### PRESO APÓS RECEBER ALTA

A delegada Cristiana Bento pediu a conversão da prisão em flagrante do porteiro em prisão preventiva (por tempo indeterminado). Na tarde de ontem, ao receber alta do hospital, o agressor foi encaminhado, seguindo a Secretaria estadual de

Administração Penitenciária (Seap), para a cadeia José Frederico Marques, em Benfica. Depois, ele deve ser transferido para outra unidade, dependendo de seu perfil. Antes de ser encaminhado para o sistema carcerário, ele passou pela 19ª DP, onde policiais o descreveram como "calmo".

O esfaqueamento da vendedora é mais um caso de tentativa de feminicídio. O crime se refere ao homicídio contra a mulher pelo fato de a vítima ser do sexo feminino. A pena varia de 12 anos a 30 anos. Levantamento feito pelo GLOBO com base em dados divulgados pelo Instituto de Segurança Pública (ISP) mostra que

foram registradas 437 ocorrências de feminicídio, entre novembro de 2016 e fevereiro deste ano, sendo que 341 foram tentativas e 96, óbitos. A média é de, aproximadamente, um caso por dia.

Na última terça-feira, Patrícia Mitte Koike, de 22 anos, foi assassinada em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ela foi espancada pelo namorado, o estudante de medicina Altamiro Lopes dos Santos Neto, de 21 anos. O rapaz foi autuado em flagrante na Delegacia de Homicídios da Baixada por homicídio e ocultação de cadáver. De acordo com a Polícia Civil, há indícios de que, quando foi encontrada, Patrícia já estava morta há muitas horas. ●

## Ex-marido é suspeito de matar mulher grávida

Simone Silva teria sido asfixiada diante do filho de 3 anos do casal; crime foi no Complexo do Alemão

**S**imone Silva, de 25 anos, moradora do Complexo do Alemão, na Zona Norte, pode ser mais uma vítima de feminicídio no Rio. Grávida de dois meses, ela foi morta dentro de casa, ontem de manhã. Segundo a investigação, o principal suspeito é o ex-marido, Anderson da Silva. O crime teria ocorrido em frente ao fi-

lho do casal, de 3 anos.

Segundo policiais, após o crime, Anderson deixou o filho na casa da mãe dele e ainda pegou a filha de 9 anos na escola e a levou para a casa de parentes, em Nova Iguaçu, na Baixada.

Vizinhos contaram que Anderson sabia da gravidez de Simone. A causa mais provável da morte é asfixia.

Acionados pelo 190, policiais da UPP do Alemão foram recebidos a tiros ao chegar à localidade de Areal, onde Simone morava. Houve confronto e um policial militar foi ferido na perna, sem gravidade.

Quando os policiais chegaram à casa, vizinhos já tinham levado Simone para a UPA do Alemão, mas ela chegou morta à unidade. A Delegacia de Homicídios foi acionada.

“Minha grande amiga. Estou sem chão com tudo isso, meu Deus. Tão meiga, carinhosa. Que Deus te receba de braços abertos”, disse uma amiga de Simone nas redes sociais.

# Mulher é morta com tiro de fuzil no rosto por namorado

Crime aconteceu após discussão na frente dos três filhos pequenos da jovem de 27 anos

GUSTAVO GOULART  
gus@oglobo.com.br

O assassinato de uma mulher dentro da Favela do Jacarezinho, na madrugada de ontem, deixou a comunidade em estado de choque. Cristiane Ferreira, de 27 anos, foi morta com um tiro de fuzil no rosto disparado na frente de três de seus quatro filhos, dentro de casa. O suspeito é um jovem identificado como Rafael, que também é chamado de Téo, com quem Cristiane namorava. Segundo parentes, após uma discussão, Téo saiu de casa e voltou com o fuzil usado para matar a vítima.

Cristiane estava com o filho de 1 ano e duas filhas, de 3 e 4 anos.

—A menina de 3 anos saiu gritando desesperada e chamou a atenção da vizinhança. O atirador abandonou a arma na casa da Cristiane, fugiu pelos becos. Ninguém sabe dele. É um monstro — desabafou um parente, que está com as crianças.

Cristiane era prima da cantora Lanor, do Grupo Donas. Ontem, a funkeira lamentou o assassinato:



Feminicídio. Vítima baleada no rosto

— Me sinto despedaçada. Uma mistura de sentimentos ruins, uma dor inexplicável — desabafou a funkeira, que acaba de lançar a música “Bonita”, com participação de Alice Caymmi, que fará parte da trilha sonora da próxima novela da TV Globo.

Segundo um morador, os bombeiros se recusaram a entrar na favela por ser área de risco dominada pelo tráfico, e o corpo foi levado num carrinho de mão até a UPA de Mangueinhos. O fuzil foi recuperado por traficantes na casa da vítima. O feminicídio será investigado pela Delegacia de Homicídios (DH) da capital.

## Engenheiro acusado de matar a ex-namorada na Austrália é preso

**Suspeito estava escondido dentro de apartamento em Botafogo**

ANTÔNIO WERNICK, ELIS BARTONELLI E NATÁLIA BOERE granderio@oglobo.com.br

O engenheiro Mário Marcelo Ferreira dos Santos Santoro, de 40 anos, suspeito de assassinar a ex-namorada Cecília Müller Haddad, de 36, na Austrália, foi preso ontem à tarde em um apartamento na Rua Dona Mariana, em Botafogo. Ele foi localizado por policiais da 18ª DP (Praça da Bandeira). Segundo a delegada Elisa Morrone, titular da unidade, o acusado, que vinha sendo procurado até pela Interpol, não reagiu à captura e negou o crime, mas acabou falando algo que indica o contrário:

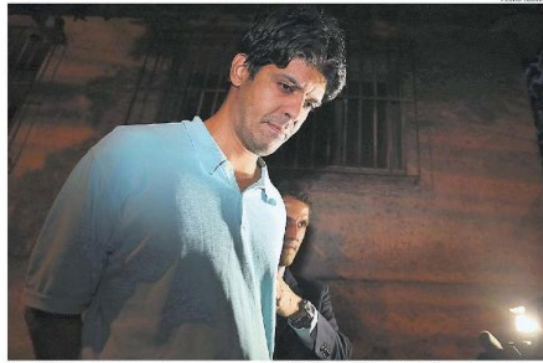
— Em certo momento, ele disse ‘acabei com a minha vida’. E eu completei: ‘E com a dela também, não é?’

Na última quinta-feira, Santoro teve prisão preventiva decretada pela Justiça do Rio, a

pedido da Divisão de Homicídios da Polícia Civil. No dia seguinte, investigadores com mandados de busca e apreensão foram até o apartamento dele e à casa de seus pais, ambos na Avenida Atlântica, em Copacabana. Como não o encontraram, agentes começaram a tentar negociar com a família do engenheiro sua apresentação numa delegacia. No entanto, o foragido foi achado antes de ser convencido a se entregar: uma denúncia anônima indicou que ele estava desde a noite de anteontem no imóvel de Botafogo, que pertence a um parente.

De acordo com o laudo cadavérico de Cecília, elaborado por peritos australianos, ela foi asfixiada dentro de seu apartamento, em Sydney, entre os dias 28 e 29 de abril. Santoro, que estava na cidade, voltou para o Rio pouco depois de o corpo ter sido encontrado por canoístas às margens do Rio Lane Cover.

No início de maio, a Divisão de Homicídios da Polícia Civil foi acionada pela família de Cecília, e a Justiça do Rio aceitou uma denúncia contra ele



**Fim das buscas.** Mário Santoro é conduzido para a sede da Divisão de Homicídios da Polícia Civil, na Barra da Tijuca

por crime de feminicídio, apresentada pela Ministério Público estadual.

Em sua denúncia, o Ministério Público destacou que Santoro “buscou escapar da Justiça australiana embarcando para o Brasil logo após os fatos,

ciente da impossibilidade de extradição de nacional brasileiro”. O documento aponta ainda que o engenheiro também tem cidadania italiana.

Cecília tinha se mudado para a Austrália em 2007. Trabalhou como gerente da cadeia

de suprimentos de uma grande companhia antes de abrir, no ano passado, uma empresa de consultoria. Depois de um divórcio, começou a namorar com Santoro, que, segundo amigos da vítima, tinha temperamento explosivo.

“

Em certo momento, ele disse ‘acabei com a minha vida’. E eu completei: ‘E com a dela também, não é?’

Elisa Morrone  
Delegada

Ela foi assassinada pouco depois de terminar o relacionamento com o engenheiro. Após o crime, parentes e amigos de Cecília lançaram uma campanha pelas redes sociais para que o paradeiro do suspeito fosse descoberto. ■

## Atriz agredida diz que marido já fez mais vítimas

Cristiane Machado conta ter sido procurada por três mulheres que também sofreram maus-tratos. Ex-diplomata está foragido

GUSTAVO GOULART  
gustavo.goulart@oglobo.com.br

Pelo menos três mulheres que mantiveram relacionamentos com o ex-diplomata Sergio Schiller Thompson-Flores, foragido após tertido a prisão preventiva decretada pela Justiça por tentativa de feminicídio contra a mulher, a atriz Cristiane Machado, procuraram a vítima para contar que também sofreram maus-tratos. Elas entraram em contato por telefone depois de assistirem à reportagem do “Fantástico”, da TV Globo, que exibiu, anteontem, imagens de agressões so-

fridas pela atriz, que instalou câmeras dentro do quarto do casal para flagrar as violências cometidas pelo marido. Nas cenas, é possível ver Thompson-Flores tentando enforcá-la com um fio de telefone.

Segundo Cristiane, uma das vítimas chegou a registrar queixa numa delegacia, mas acabou voltando atrás a pedido do ex-diplomata. Hoje, com a Lei Maria da Penha, não é mais possível que mulheres retirem queixa por agressões de seus companheiros.

A Delegacia de Capturas procura pelo ex-diplomata e



FOTOS DE REPRODUÇÃO

violência, porém, não deu, segundo ela, trégua.

O advogado de Thompson-Flores contesta acusações de Cristiane. Segundo ele, há outro pedido de prisão contra o ex-diplomata por ele ter se aproximado da atriz, descumprindo medida protetiva. Mas, de acordo com Mattos, o encontro teria acontecido de comum acordo:

— Há muitas coisas a serem ditas à Justiça. Meu cliente não descumpriu ordem judicial de medida protetiva, ele esteve com a mulher a pedido dela. Chegaram a viajar para o Peru, para o Caribe.

Mattos diz que Cristiane faz



**Dois momentos.**

Acima, Cristiane e o ex-diplomata durante o casamento. Ao lado, imagem de uma das agressões

já tem em mãos seis endereços, inclusive o de uma fazenda em São Paulo, onde ele poderia estar escondido. Raphael Mattos, advogado de Thompson-Flores, alega que seu cliente é inocente. Defende que as imagens cap-

tadas pela atriz foram editadas e diz que o ex-diplomata está aguardando decisão sobre um pedido de habeas corpus. Caso o recurso seja negado, diz, ele deverá se entregar à polícia.

O relacionamento entre a

atriz e o ex-diplomata sempre foi conturbado. Eles se casaram em novembro do ano passado e logo depois veio a primeira agressão — um empurrão e um tapa no rosto. Em seguida, durante uma briga, Thompson-Flores, além de bater na mulher, quebrou a casa. Com medo, Cristiane procurou a polícia. Ele foi preso em flagrante, mas foi solto após pagar fiança, com a determinação de não se aproximar mais dela. Como o casamento no religioso já estava marcado, a atriz decidiu perdoar o marido. A

acusação movida por interesses financeiros. Um contrato assinado pelo casal, homologado pela Justiça, prevê que a atriz, em caso de separação, receba R\$ 400 mil. O documento estabelece ainda que, se houver traição ou agressão, o valor será acrescido de mais 200 salários-mínimos. O advogado Sylvio Guerra, que representa Cristiane, cobra agora na Justiça R\$ 605 mil por conta da separação.

— Não consigo entender que relação tem o contrato com uma tentativa de feminicídio, de uma agressão sem limites — diz a atriz.

# Marido mantém mulher refém por duas horas

Com ferimentos na cabeça, vítima foi internada após ser libertada por policiais do Bope. Agressor, que estava armado com uma faca, foi preso em flagrante e, enquadrado na Lei Maria da Penha, responderá por lesão corporal e cárcere privado

CÉLIA COSTA  
celia@globo.com.br

Armadado com um facão, um homem manteve a mulher refém por duas horas, na manhã de ontem, em Santa Cruz. A confusão começou durante a madrugada, quando Ademilson Ferreira da Silva passou a agredir Ana Paula

de Lima, com quem é casado há oito anos.

Segundo Ana Vieira dos Santos, mãe da vítima, Ademilson arrastou a mulher para a cozinha do apartamento onde vivem e começou a atacá-la. O casal, diz Ana, não tinha histórico de brigas.

— Estávamos todos dormindo quando, por volta

de 4h40m, acordei com uma discussão. Com uma faca na mão, ele ameaçava matar a minha filha. Ele bateu muito com a cabeça dela na pia. Tentei socorrer, mas ele trançou a porta da cozinha e continuou as agressões. Tivemos que chamar a polícia e, mesmo assim, ele continuou ameaçando matá-la — contou.

Ademilson se entregou à polícia após cerca de duas horas de negociação com policiais do Batalhão de Operações Especiais (Bope). Agentes do 27º BPM (Santa Cruz) deram apoio ao caso e fizeram um cerco ao local, num prédio da Estrada Santa Veridiana.

Após ser libertada pelo

marido, Ana Paula foi levada para o Hospital municipal Pedro II, onde foi internada com vários ferimentos no rosto e na parte de trás da cabeça. Ademilson, de acordo com nota do 27º BPM, foi contido pelos agentes do Bope com uma arma de eletrochoque.

O agressor foi conduzi-

do para a 35ª DP (Campo Grande), onde o caso foi registrado. Preso em flagrante por crime de lesão corporal e cárcere privado, ele foi enquadrado na Lei Maria da Penha. Ademilson será apresentado posteriormente à audiência de custódia e permanecerá à disposição da Justiça.

## Homem leva 37 anos de prisão por feminicídio

SÃO PAULO

Um homem foi condenado a quase 37 anos de prisão por matar a ex-mulher em Guarulhos, na Grande São Paulo, em 2016. O julgamento do Tribunal do Júri da cidade, promovido na terça-feira, condenou Israel Higino Serafim de Moraes por homicídio triplamente qualificado, fraude processual e destruição de cadáver. Moraes foi preso no Paraguai cerca de dois meses após cometer o crime.

O réu assassinou a ex-mulher, Michelle Fiori, em abril de 2016. Eles foram casados por dez anos, mas se separaram em 2014. Ele não aceitava o fim do relacionamento.

Segundo a promotoria, Moraes foi à casa da ex-mulher, no dia do crime, sob o pretexto de visitar os filhos. De acordo com a denúncia, ele deixou as crianças no carro, entrou na casa e atirou na vítima. Depois, enrolou o corpo em um tapete, colocou-o no carro da própria Michelle e ateou fogo.

Levantamento com base em dados oficiais dos 26 estados e do Distrito Federal mostrou aumento em registros de feminicídio — isto é, casos em que mulheres foram mortas em crime de ódio. O número passou de 1.047 registros em 2017 para 1.173 no ano passado. A Lei do Feminicídio, sancionada em março de 2015, trouxe penas mais duras para assassinatos de mulheres motivados pela condição de gênero (Com informações do G1).

## Feminicídio: homem diz que deu R\$ 150 para amigo ocultar corpo

Polícia procura suspeito de ter abandonado carro com cabeleireira assassinada

MARCOS NUNES  
junest@glbo.com.br

A Polícia Civil investiga a possibilidade de mais uma pessoa estar envolvida no assassinato da cabeleireira Carine Alves Lobo, de 29 anos, que foi estrangulada em Padre Miguel. Ex-companheiro da vítima, Evânio Oliveira Santos confessou o crime e disse ter pago R\$ 150 a um amigo, conhecido apenas como Luizinho, para ocultar o corpo. Evânio foi preso na última sexta-feira, após o cadáver ser encontrado dentro de um carro abandonado na Es-

trada do Encantamento, no mesmo bairro.

A cabeleireira foi enterada na tarde de ontem no Cemitério do Caju. Uma amiga da vítima fez uma oração pedindo proteção às mulheres e que homens parem de matá-las. Parentes estavam revoltados.

— Ele tramou o crime, mandou uma mensagem de celular para Carine dizendo que estava precisando de comida. E ela foi ajudá-lo — contou Adriano Alves, primo da vítima.

Segundo Adriano, Evânio não aceitava o fim do relacionamento com Carine, que durou cerca de

cinco anos e terminou há sete meses:

— Quando Carine estava internada, fazendo quimioterapia (a cabeleireira teve câncer no ovário), ele levou uma outra mulher para a casa deles. Minha prima descobriu e pediu a separação. Ele ficou com raiva dela. Temos que falar sobre isso, porque há muitas mulheres passando por situações parecidas.

### MAIS DE 200 CASOS

Evânio, que estava em liberdade condicional e usava tornozeleira eletrônica, já respondeu na Justiça pelo crime de furto qualificado.



Tristeza e revolta. Pais e amigos de Carine se emocionam durante o enterro da cabeleireira, no Cemitério do Caju

Além disso, segundo a Polícia Civil, o ex-companheiro da vítima tem anotações criminais pelo crime de violência doméstica, inclusive contra Carine.

Um estudo divulgado na semana passada pelo

GLOBO mostrou que já ocorreram mais de 200 feminicídios no país desde o início do ano. Segundo o levantamento, coordenado por Jefferson Nascimento, doutor em Direito Internacional pela USP, e

baseado no noticiário nacional, houve 344 casos — 207 consumados e 137 tentativas. A taxa de letalidade é de 60%. Em sua maioria, os agressores são parceiros ou ex-companheiros das vítimas.

## Homem arrasta namorada presa a carro por 50 metros

Caso aconteceu no interior de São Paulo, após briga do casal; vítima permanece em estado grave

Um homem de 36 anos foi preso após atropelar e arrastar a namorada com o carro por cerca de 50 metros até bater com o veículo contra um portão em Vargem Grande do Sul, no interior de São Paulo. Ele responderá por tentativa de feminicídio. A vítima foi internada em estado grave no hospital do município com ferimentos na cabeça e fratura no fêmur.

De acordo com o delegado Jorge Mazzi, o casal estava em um Ford Fusion preto na Avenida Walter Tatoni, em frente ao hospital da cidade, quando a mulher, de 47 anos, saiu do carro. O homem, então, jogou o veículo contra a namorada. A vítima ficou presa no veículo e foi arrastada até colidir com um poste na calçada.

O homem contou em depoimento à polícia que o casal começou a discutir porque a mulher não queria ir a uma festa.

— A festa estava acontecendo na praça a alguns quarteirões de onde eles

estavam e ela não queria ir. No que a vítima foi descendo do carro, ele ficou nervoso, engatou a marcha à ré e arrastou a moça. Se não fosse o poste antes do portão, que acabou segurando a vítima e salvando a vida dela, ela teria sido prensada — explicou o delegado.

### TENTATIVA DE FUGA

De acordo com o delegado Mazzi, o homem estava bêbado e tentou fugir, mas foi detido por policiais.

O motorista foi autuado por tentativa de feminicídio e embriaguez ao volante. Após o registro do boletim de ocorrência, ele foi levado à cadeia pública de São João da Boa Vista, também no interior de São Paulo, onde aguardará a audiência de custódia.

O caso, segundo Jorge Mazzi, aconteceu por volta das 22h30m do último sábado.

A vítima foi socorrida e encaminhada ao hospital de Vargem Grande do Sul, onde está internada em estado grave. (Do G1)

# Mulher é morta a tiros pelo marido, policial da reserva

PM, que tentou o suicídio após o crime, em Pilares, foi autuado por feminicídio

MARCOS NUNES  
jnunes@extra.ief.br

**A** dona de casa Priscila de Araújo Piloupas, de 29 anos, foi morta com seis tiros pelo marido, o policial militar da reserva Antonio Carlos Maghelly Piloupas, de 51 anos, na madrugada de anteontem, em Pilares. Após assassinar a mulher, o PM tentou suicídio com um tiro na cabeça. Autuado em flagrante por feminicídio, ele foi levado para o Hospital Salgado Filho, no Méier, onde está sob custódia. Seu estado é grave.

O casal estava junto há 14 anos, e a filha deles, de 9 anos, chegou a ouvir os tiros que mataram a mãe. O crime ocorreu na casa de uma irmã de criação de Priscila, na Rua Francisca Vidal. Priscila, que morreu no local, já havia sido agredida pelo marido antes. Em outubro do ano passado, a dona de casa resolveu se separar de Maghelly, que não teria aceitado a decisão. Em 1º de janeiro deste ano, a 4ª Vara Criminal de Du-



**Vítima.** Priscila: morta perto da filha

que de Caxias determinou que o PM mantivesse uma distância de 500 metros de Priscila e seus familiares. Apesar da medida protetiva, eles teriam se reaproximado.

Nas redes sociais, antes do crime, Maghelly postou duas fotos com uma garrafa de bebida e a legenda "nada como o sossego do lar". A arma usada por ele foi apreendida pela Delegacia de Homicídios da Capital, que investiga o caso.

# Vendedora tira namorado da cadeia e, um ano depois, é morta

Relacionamento começou com troca de mensagens por celular na época em que ele estava preso por outro homicídio

PEDRO ZUAZO  
pedro.zuazo@oglobo.com.br

A vendedora Cristiane da Silva Marins, de 38 anos, foi encontrada morta dentro de casa, ontem à tarde, na comunidade Corte Oito, em Duque de Caxias. Ela tinha marcas de estrangulamento e estava no chão, ao lado da cama onde dormia com o companheiro. Alexandre França dos Santos, que morava com Cristiane há um ano, foi preso



*“Ele matou minha irmã, tomou banho, se arrumou, botou uma mochila nas costas e saiu de casa como se estivesse indo trabalhar”*

Walkiria Marins, irmã da vítima

poucas horas depois, e, segundo a polícia, confessou o crime. Ele já tinha sido preso por um outro homicídio, cometido em 2004.

— É um choque. Nunca imaginamos que algo assim fosse acontecer na nossa família, ainda mais com Cristiane. Somos 12 irmãos, e ela era a nossa caçulinha, um neném para a gente. Ao mesmo tempo, era uma guerreira, que cuidava sozinha das coisas — lamentou Walkiria Silva de Souza, que fez um desabafo contra o feminicídio: — Todo dia a gente ouve falar de uma mulher morta pelo companheiro. Essa epidemia tem que acabar. As mulheres precisam começar a prestar mais atenção nos homens com quem começam a se relacionar.

De acordo com a família, Cristiane conheceu Alexandre pela internet, quando ele estava preso no



Indignação. Walkiria mostra a carteira de identidade da irmã, que foi estrangulada dentro de casa, em Caxias: “Essa epidemia (de feminicídio) tem que acabar”

Complexo Penitenciário de Gericinó. Mesmo atrás das grades, Alexandre conversava com a vendedora por meio de um aplicativo de celular, e dizia que estava cumprindo pena por ter matado um homem que havia estuprado sua irmã. Ainda segundo parentes, Cristiane pagou um advogado para ajudá-lo a obter liberdade condicional. Quando Alexandre deixou a cadeia, foi morar com a vendedora.

— Ela o ajudou a sair da prisão. Arrumou um advogado, quis dar uma nova vida para Alexandre, acreditou nele — contou Walkiria.

Alexandre, na verdade, estava preso por matar um ho-

mem de 62 anos durante um roubo a residência, também em Caxias. Ele havia sido condenado por homicídio, furto e ocultação de cadáver. A vítima foi morta a pauladas e golpes de foice, antes de ser jogada em um poço. Após o crime, ele fugiu com um aparelho de TV.

Em 2005, Alexandre foi condenado a 17 anos de prisão. Ficou preso por seis anos, até progredir para o regime semiaberto, em 2011. Preso de novo em 2012, por roubo, foi solto no mesmo ano. Voltou a ser capturado em 2015, e, por duas vezes, foi flagrado na cadeia aplicando golpes de extorsão por telefone. Apesar disso, conseguiu a liber-

dade condicional em maio de 2018.

Parentes de Cristiane desconfiaram que algo grave havia acontecido após descobrirem que ela ficou dois dias sem trabalhar, no Centro de Caxias. Um irmão da vendedora telefonou para uma vizinha dela, e pediu para procurá-la.

— O filho da vizinha conseguiu ver, por cima de um muro, que tinha uma pessoa deitada no chão. Depois, ele arrombou a porta e encontrou minha irmã morta — disse Marcelo Marins.

Vizinhos contaram que, no dia do crime, Alexandre saiu de casa aparentando normalidade, e cumpriu- mentou a todos que encon-

trou pela rua.

— Ele matou minha irmã, tomou banho, se arrumou, botou uma mochila nas costas e saiu de casa como se estivesse indo trabalhar — afirmou Walkiria.

À noite, Alexandre foi abordado por policiais do 52 BPM (Praça da Harmonia) na Lapa. Segundo os agentes, ele aparentava estar sob efeito de drogas. Na 5ª DP (Mem de Sá), investigadores constataram que Alexandre era procurado como suspeito da morte de Cristiane. Ele, então, teria confessado o crime. Levado à Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense, Alexandre foi autuado em flagrante por feminicídio.

# Família acusa namorado de jovem de 16 anos de feminicídio

Vítima, baleada na cabeça, estaria grávida. Horas depois, suspeito é achado morto

CAROLINA HERINGER  
E GUSTAVO GOULART  
grandorio@oglobo.com.br

Família de Ana Cristina de Oliveira Sacramento, de 16 anos, morta antontem com um tiro na cabeça, acusou um conhecido da jovem, que se apresentou como seu namorado, de feminicídio. O suspeito, Orlando Farias Silva, de 21 anos, ajudou a socorrer a vítima, que estaria grávida. Horas depois do crime, Orlando foi encontrado morto no pátio de uma igreja evangélica no Jardim Simas, no Jardim América. A polícia acredita que ele foi assassinado por traficantes de

drogas da região.

Parentes de Ana Cristina afirmaram que não sabiam da gravidez ou mesmo do namoro dela. Mas o próprio Orlando, que a levou baleada para o Hospital Getúlio Vargas, na Penha, disse a funcionários que ela esperava um filho seu. A Delegacia de Homicídios da Capital investiga as mortes de Ana Cristina e Orlando.

## VERSÕES DIVERGENTES

De acordo com a família de Ana Cristina, ela foi morta dentro de casa, na comunidade Beira-Rio, na Pavuna. Porém, Orlando teria dado uma versão diferente para

se eximir da acusação. Ao dar entrada no hospital, acompanhando a jovem, falou que ela tinha sido vítima de uma tentativa de assalto no Jardim América.

Eles sustentam, no entanto, que souberam na favela que versão de Orlando não era verdadeira. Segundo os parentes, moradores contaram que Ana Cristina estava em casa com o namorado quando ele saiu para a rua gritando por socorro. De acordo com os relatos, ela já estava ensanguentada. Ao ser questionado por vizinhos sobre o que ocorreu, Orlando apenas dizia “a bala estourou, a bala estourou”.



Inconsoláveis. Parentes choram em frente ao Hospital Getúlio Vargas, na Penha, para onde vítima foi levada

— Ele próprio (o namorado) a colocou dentro de um carro e a levou até o hospital. Ele disse ao policial de plantão que fazia um lanche com ela numa praça quando apareceu um cara e anunciou um assalto. Ela reagiu e levou um tiro

na cabeça. Mentira! Foi ele quem a matou — afirmou Daiana Azzor, de 30 anos, tia de Ana Cristina. — O sentimento da família é de dor, revolta, uma mistura de tudo. É revoltante ver uma garota jovem, bonita, ter a vida inter-

rrompida dessa forma.

Nos dois primeiros meses de 2019, oito mulheres foram vítimas de feminicídio no Rio. Em média, foi um caso a cada sete dias. No mesmo período, foram 63 tentativas de feminicídio.

